



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS

ALINE RAMOS BARBOSA

INTERESSES E CRITÉRIOS: AS ESCOLHAS DO LEITOR

São Cristóvão-SE

2017

ALINE RAMOS BARBOSA

INTERESSES E CRITÉRIOS: AS ESCOLHAS DO LEITOR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josalba Fabiana dos Santos.

São Cristóvão-SE

2017

ALINE RAMOS BARBOSA

INTERESSES E CRITÉRIOS: AS ESCOLHAS DO LEITOR

Dissertação apresentada como exigência para exame de defesa no curso de Mestrado em Letras, na área de concentração Estudos Literários, à seguinte comissão julgadora:

Prof^ª. Dr^ª. Josalba Fabiana dos Santos (UFS)
Orientadora

Prof. Dr. Afonso Henrique Fávero (UFS)

Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia da Rocha Maquêa (UNEMAT)

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Barbosa, Aline Ramos

B238i Interesses e critérios: as escolhas do leitor / Aline Ramos
Barbosa ; orientadora Josalba Fabiana dos Santos.– São Cristóvão,
SE, 2017.
81 f.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2017.

1. Leitura. 2. Leitores – Reação crítica. 3. Subjetividade. 4. Compreensão
na leitura. I. Santos, Josalba Fabiana dos, orient. II. Título.

CDU 808

AGRADECIMENTOS

De forma inicial, agradeço ao meu Pai Soberano e Supremo, ao meu Deus que sempre está presente em minha vida em todas as situações. Sem essa presença Divina, nada seria possível. Agradeço a minha família, por toda compreensão em entender esse momento único e corrido da minha vida. Aos meus pais, em especial a minha mãe, que sempre esteve atenta, cuidando dos detalhes, sofrendo e vibrando a cada vitória! Aos meus irmãos Jaqueline, Tuca, Gel e Roberto (estes mesmo distantes, sempre estão torcendo para que tudo dê certo). Aos meus sobrinhos Roberta, Yan e Jean. Ao meu namorado por toda paciência, incentivo e por estar presente em todos os momentos. Amo você, amor!

A minha Titia (Zefinha) por cuidar e sempre se preocupar comigo, por ser uma amiga sempre presente. A todos os meus amigos que estiveram comigo durante essa caminhada longa e árdua, que partilham comigo angústias e alegrias. Quero externar também a minha gratidão aos amigos que fiz na academia: Michele, Euler e Amanda. Obrigada turma!

Sou imensamente grata aos amigos do “Brigadeiro com Cerveja”, pois todos os momentos de descontração e festividades me fazem muito bem e me ajudam a caminhar de forma mais leve. Aos meus amigos e parceiros do trabalho, a “Equipe Power Rangers”, por toda compreensão, ajuda, companheirismo. Muito obrigada, amigos. Vocês são meus exemplos de profissionais comprometidos com um futuro melhor para a educação do nosso país.

Agradeço a professora Josalba por acreditar em meu potencial e me incentivar a chegar até aqui. Aos professores participantes das bancas de qualificação e defesa, por toda orientação e apoio. GRATIDÃO, enfim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que este trabalho fosse possível!

*“Mis libros (que no saben que yo existo)
son tan parte de mí como este rostro
de sienes grises y de grises ojos
que vanamente busco en los cristales
y que recorro con la mano cóncava.
No sin alguna lógica amargura
pienso que las palabras esenciales
que me expresan están en esas hojas
que no saben quién soy, no en las que he escrito.
Mejor así. Las voces de los muertos
me dirán para siempre”.*

(Jorge Luis Borges, *La rosa profunda*)

RESUMO

Tendo em vista que a subjetividade é um aspecto pouco discutido nas pesquisas que tratam da leitura, este trabalho tem como objetivo central analisar como ela – a subjetividade – se apresenta nas dissertações defendidas pelos mestrandos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, no período entre 2010 e 2016. Para tanto, nos valem de uma bibliografia que discute, sobretudo, o processo de leitura e as questões pertinentes ao leitor. A fim de alcançar tal objetivo, trouxemos para o cerne da discussão alguns posicionamentos e conceitos de Compagnon (1999; 2009), mostrando que a literatura ocupa um lugar bem mais abrangente do que se imagina e todo questionamento que a permeia; Candido (1988; 2006), que nos ajuda a compreender a literatura sob uma perspectiva mais social; Todorov (2010), fazendo com que pensemos a respeito da literatura em si e do que representa para a sociedade; Bloom (2001), que se concentra mais no processo de leitura literária, uma vez que, para ele, a leitura nos apresenta mundos inimagináveis. Além das citações desses teóricos, as quais aparecem com mais recorrência no corpo do texto, elencamos também alguns posicionamentos de Iser (1979) e Jauss (1999), responsáveis pela Estética da Recepção, corrente bastante pertinente para a valorização do leitor. Além disso, Jouve (2012), Rouxel (2013) e Langlade (2013), que trazem discussões a respeito do caráter subjetivo da leitura literária. Para abranger os demais aspectos concernentes à figura do leitor, nos utilizamos dos pressupostos trazidos por Eagleton (2006), Eco (1988), Culler (1997) e Barthes (2008).

Palavras-Chave: Leitura. Leitor. Subjetividade. Afetação literária.

ABSTRACT

Considering that subjectivity is a little discussed aspect in academic researches that deal with reading, this work has as its central objective to analyze how it – the subjectivity – is presented in the dissertations defended by the master's degree students linked to the Postgraduate Program in Letters from Federal University of Sergipe in the period between 2010 and 2016. For this, we use a bibliography that discusses, above all, the reading process and the questions related to the reader. In order to achieve this goal, we have brought to the center of the discussion some positions and concepts of Compagnon (1999; 2009), showing that the literature occupies a place that is much more encompassing than it is imagined and all questioning that permeates it; Candido (1988, 2006), who helps us to understand literature from a more social perspective; Todorov (2010), making us think about the literature itself and what it represents for society; Bloom (2001), who focuses more on the process of literary reading, since, for him, reading presents us unimaginable worlds. In addition to the citations of these theorists, which appears with more recurrence in the body of the text, we also list some positions of Iser (1979) and Jauss (1999). They are responsible for the Aesthetics of Reception, current of thought quite pertinent for the reader's appreciation. In addition, Jouve (2012), Rouxel (2013) and Langlade (2013) bring discussions about the subjective character of literary reading. To encompass other aspects concerning the figure of the reader, we use the assumptions brought by Eagleton (2006), Eco (1988), Culler (1997) and Barthes (2008).

Keywords: Reading. Reader. Subjectivity. Literary affectation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 Literatura, Leitores e Subjetividade Literária	14
1.1 Vicissitudes literárias	14
1.2 O caminho do leitor	18
1.3 Subjetividade literária.....	29
2 INTERESSES E CRITÉRIOS	40
2.1 Do Programa de Pós-Graduação em Letras	40
2.2 Autores Sergipanos.....	42
2.3 Questões sociais.....	45
2.4 O grupo de pesquisa	50
2.5 Literatura e Memória.....	52
2.6 Ser leitor, estar no mundo.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXO - FICHAMENTO DAS DISSERTAÇÕES 2010 a 2016	62

INTRODUÇÃO

*Assim eu queria o meu último poema.
Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume
A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.*

(Manuel Bandeira)

O leitor é um elemento na literatura que tem nos chamado bastante a atenção. As poucas pesquisas mais consistentes nessa área também são um fator relevante que impulsiona a nossa escrita. Nesse sentido, a figura do leitor e a subjetividade que carrega são de grande relevância em nossa pesquisa. Stierle, em “Que significa a recepção dos textos ficcionais”, mostra que “o significado da obra literária é apreensível não pela análise isolada da obra, nem pela relação da obra com a realidade, mas tão só pela análise do processo de recepção, em que a obra se expõe, por assim dizer, na multiplicidade de seus aspectos” (1979, p. 134). Assim, verificamos que o texto literário é uma porta de entrada para várias discussões que envolvem, sobretudo, o processo de leitura e o leitor. É justamente esse processo que nos interessa.

Em *Literatura para quê?*, Compagnon nos diz que “A realização de si, julgava Proust, acontece não na vida mundana, mas pela literatura, não somente para o escritor que se consagra a ela inteiramente, mas também para o leitor que ela emociona durante o tempo em que ele se dá a ela” (2009, p. 21). A emoção, o gosto e as escolhas são pontos relevantes a serem discutidos aqui, pois é por meio desses pontos que verificamos os indícios de subjetividade. Nesse entremeio, há um fator importante a respeito do processo de leitura que tem despertado nosso interesse: o processo de apreensão do texto literário. Alguns autores como Jouve, Rouxel e Langlade trazem discussões que tocam na subjetividade do leitor, porém esse ainda é um campo recente de pesquisas.

Foi pensando, nessa perspectiva, que analisar como o estudante do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe escolhe seu *corpus* de pesquisa, quais os critérios, os interesses, o que deixa evidente a partir de sua escrita nos motivou e sobretudo nos direcionou para um caminho trilhado por poucos pesquisadores. Para isso, selecionamos as dissertações concentradas nas pesquisas que envolvem o texto literário, situadas entre 2010 e 2016, dentro da área dos Estudos Literários.

O principal motivo para essa escolha está relacionado à organização e disposição do material para pesquisa. Fizemos a análise de suas Introduções, a fim de estabelecer uma possível conclusão para as escolhas de textos por parte dos autores desses trabalhos acadêmicos. Optamos por analisar as Introduções por se tratar da parte na qual o estudante dispõe os objetivos e as motivações. Rouxel e Langlade (2013, p. 22) nos mostram que

Levar em conta as experiências subjetivas dos leitores reais — que sejam estes alunos, professores ou escritores — é fundamental para dar sentido a um ensino de literatura que se limita com muita frequência à aquisição de objetos de saber e de competências formais ou modelares.

O estudo da literatura, na maior parte dos casos, é um trabalho com conceitos. Não fugiremos completamente a essa generalidade, pois nossa pesquisa será desenvolvida mediante a relação entre o objeto de estudo (as dissertações dos mestrados em Letras) e uma pesquisa de cunho bibliográfico, enfocando, principalmente, a figura do leitor.

O leitor foi, durante muito tempo, um ser “esquecido” pelas abordagens literárias. Com o advento da Estética da Recepção, ele passou a ser alvo de discussões. Assim, “estudos da recepção interessaram-se pela maneira como uma obra afeta o leitor” (COMPAGNON, 1999, p. 147). Isso porque o processo de recepção é capaz de revitalizar a obra, uma vez que alguém, a partir de sua leitura, movimenta o texto. Os leitores são afetados e afetam por aquilo que leem.

Harold Bloom (2001, p. 19) aponta que “[...] a maneira como lemos depende, em parte, da distância em que nos encontramos das universidades, onde a leitura não é ensinada como algo que proporciona prazer, segundo os significados mais profundos da estética do prazer”. Isso quer dizer que a afetação literária ocorre independentemente de inserções teóricas que circulam sobre a literatura.

Embora a academia contribua indiscutivelmente para a disseminação e discussão do texto literário, ainda há uma exclusão da subjetividade pertencente ao leitor. Todorov (2010) afirma que o professor de literatura não pode se resumir a ensinar, como lhe pedem as instruções oficiais, os gêneros e os registros, as modalidades de significação e os efeitos da argumentação, a metáfora e a metonímia ou a focalização interna e externa. O objeto de estudo central de sua aula deve ser as obras literárias, e não os livros teóricos ou críticos que as abordam. Chartier, por sua vez, explicita que “[...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido

pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores” (1998, p. 77).

Verifica-se, com isso, que o leitor é a peça fundamental para que o processo de leitura seja difundido e a obra, revitalizada. O que se fundamenta aqui é que a leitura não pode ser um processo mecanizado, no qual se reproduz algo já existente. A leitura, principalmente a de textos literários, não pode girar em torno de discussões já prontas, ainda que esse viés seja importante, principalmente para a crítica literária. Se formos analisar os livros didáticos que tratam do texto literário, quase sempre ficamos diante de discussões direcionadas, contribuindo, assim, para a exclusão da individualidade/gosto/perspectiva de cada leitor. Logo, o intuito é pensar como o leitor recebe o texto literário, como é o processo de recepção, quais pontos o afetam, quais autores são foco de suas pesquisas. Conforme expõem Rouxel e Langlade (2013, p. 20),

[...] em uma atitude de leitura “normal” — quando leio “um livro em minha poltrona para meu prazer” —, minha atenção não está focalizada exclusivamente nesses traços estéticos, nesses índices da referência literária, o que não significa que sejam ignorados por mim, que os apague artificialmente de meu espírito; estão, entretanto, associados a outros elementos que remetem a minha personalidade global.

Portanto, é preciso dar subsídios para que haja em nossa sociedade leitores que leem não por imposições, mas por vontade própria. É necessário haver uma sensibilidade acerca da literatura, uma vez que ela pode ressignificar, por exemplo, a formação humana. Candido (1988, p. 186) expõe que “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo que os organiza [...]”. Pensar as relações existentes entre o leitor e o texto literário talvez seja o caminho mais inteligente para a formação de um leitor.

O universo da leitura é um espaço habitado somente por aqueles que leem. Sendo assim, é um espaço individualizado, peculiar àquele que efetivamente leu o texto. Como aponta Manguel (1997, p. 20), “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial”.

No que se refere à apresentação desta dissertação, a dividimos em três capítulos. O primeiro traz uma discussão a respeito da própria literatura e da figura do leitor. Para tal feito, nos embasamos em alguns teóricos que muito têm contribuído para as abordagens literárias,

como Compagnon, Todorov, Eagleton e Barthes. No entanto, tentar conceituar a literatura e todas as questões que a envolvem não é uma tarefa fácil, mas tentamos trazer à luz das discussões os principais conceitos que a norteiam. Além disso, fizemos um percurso sobre o leitor e sua trajetória nas abordagens literárias.

O segundo capítulo mostra discussões concernentes ao leitor de forma geral. Para isso, utilizamos os pressupostos da Estética da Recepção de Jauss, Iser, Roman Ingarden, Stierle, bem como textos pertencentes a Jouve, Rouxel e Langlade, entre outros. Cada teórico citado traz uma contribuição significativa para os estudos que colocam o leitor como o centro das discussões. Nesse sentido, algumas questões relacionadas à subjetividade literária serão discutidas aqui.

O terceiro capítulo traz um apanhado das análises feitas a partir das dissertações dos mestrandos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Por isso, tentaremos mostrar como a subjetividade e o gosto pessoal estão alinhados às escolhas desses pesquisadores.

É válido ressaltar que a participação no projeto de pesquisa intitulado *Leitor/a, leitores/as de Literatura*, desenvolvido entre 2011-2012, integrante do Programa de Iniciação Científica Voluntária – PICVOL, sob a coordenação da professora Dr^a. Josalba Fabiana dos Santos, do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, foi de suma importância para a constituição desta dissertação.

Assim, pensar como um leitor escolhe seus objetos de pesquisa e tentar averiguar como se dão essas escolhas são os nossos principais objetivos. As dissertações, conforme mencionado acima, foram escolhidas a partir do recorte temporal. Todas elas estão situadas entre 2010 e 2016. Escolhemos esse recorte pela facilidade em poder tê-las em mãos de forma concreta. A informatização dos textos nos ajudou a tornar a pesquisa mais dinâmica e eficaz, uma vez que, a partir de 2010, as dissertações passaram a ter versão digital disponível na rede.

1 Literatura, Leitores e Subjetividade Literária

*Nada de novo tenho a dizer-vos.
E se tivesse também não vos diria.
Os versos são prodígios escondidos
da minha fantasia.
Hão de ficar assim. Solenes. Mudos.
E por que não?*

*Quem alguma vez os leu
com o mesmo amor
com que os escrevi*

e na mesma solidão...

(Hilda Hilst)

1.1 Vicissitudes literárias

Antes de partirmos para as discussões que centralizam a figura do leitor, achamos por bem fazer algumas reflexões a respeito da literatura. Acreditamos que há uma relação intrínseca entre ela, o texto literário e a afetação do leitor. Nesse sentido, tomamos como ponto de referência, principalmente, os textos de Todorov, Candido, Eagleton e Barthes. Como esse não é o tema central da nossa pesquisa, nos concentraremos em pontos específicos. No entanto, consideramos essa discussão fundamental, porque nosso *corpus* está relacionado tão somente ao texto literário, assim discutir a respeito e analisar o seu lugar, hoje, em nossa sociedade é uma questão relevante.

Em se tratando de definições, não é nada fácil limitar todo apanhado crítico e teórico predisposto sobre a literatura. Entretanto, discutir o seu conceito, o papel do leitor e alguns questionamentos que os cercam é de suma importância, principalmente por estarmos tratando do leitor literário.

Todorov (2010), em *A literatura em perigo*, expõe seu percurso intelectual até chegar a discussões mais centrais. Nesse trajeto, nos leva à França dos anos 1960, passando por seu encontro com Gérard Genette até as aulas com Roland Barthes, frequentadas pelo estudioso na École des Hautes Études. No capítulo “A literatura reduzida ao absurdo”, a partir de uma experiência com seus próprios filhos, discute a respeito do ensino de literatura no nível básico francês e o compara a um edifício em construção que, depois de pronto, deveria se ver livre dos

andaimes, já que o que importa mesmo é o prédio e sua arquitetura. Entretanto, o que se percebe nos estudos literários é a manutenção dos andaimes e a transformação deles em objeto de estudo.

A literatura foi vista por três tendências a partir da segunda metade do século XX: os críticos formalistas, os niilistas e os solipsistas. O formalismo concentrou-se no uso da linguagem e na estrutura da narrativa, e isso se tornou mais importante que os temas. O niilismo, por seu turno, criou uma nova visão do mundo, a qual mostra aquilo que o humano tem de pior, e os textos representavam, assim, o nada que embasava a vida. Já o solipsismo se voltou para o próprio autor das histórias, que passa a enxergar a partir de seu ponto de vista, única representação da realidade possível ao leitor. Essas tendências só mudaram de nomenclatura, mas a ideia permanece a mesma: fazer leituras fechadas e superficiais. Com isso, a herança crítica da literatura não permite as várias interpretações a respeito do texto.

A academia exige um discurso de autoridade sob as análises literárias. Sendo assim, Todorov defende a compreensão do texto enquanto produção social e temporal, bem como a relação do discurso literário com outros discursos, o que o leva a afirmar que “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” (TODOROV, 2010, p. 22). O crítico questiona: “ao ensinar uma disciplina, a ênfase deve recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto?” (TODOROV, 2010, p. 27), respondendo que “o professor de literatura não pode se resumir a ensinar, como lhe pedem as instruções oficiais [...]” (TODOROV, 2010, p. 28).

Embora o objetivo não seja tratar de questões de ensino aqui, é interessante fazermos uma reflexão a respeito do contexto literário, principalmente porque isso justificará a nossa metodologia, que traçará um caminho que é feito pelo mestrando até seu *corpus* de pesquisa.

Outro ponto relevante é compreender que, mesmo que a literatura tenha se resumido a uma disciplina, em sua grande maioria, há uma comunidade de leitores que valorizam o texto. Assim, “Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra entre si” (TODOROV, 2010, p. 39). Antonio Candido (1988), em “O direito à literatura”, traz a ideia de que a literatura é um bem que deve ser estendido a todos, um bem necessário à vida. Nesse sentido, define-a da seguinte maneira:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1988, p. 174).

Assim, a literatura é um mundo sobre o qual há infinitas possibilidades. No entanto, elas somente são descobertas no processo de leitura. A experiência com o texto literário diz muito ao leitor e a respeito dele próprio. Não há como separá-lo do processo de construção do texto, pois “Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios?” (TODOROV, 2010, p. 93). Esse questionamento trazido por Todorov nos faz compreender a relação entre texto e leitor, principalmente quando falamos a respeito de escolhas e interesses. Ao invés de Machado de Assis, por que não Cecília Meirelles? Será que o leitor escolhe o texto ou é o texto que o escolhe? Mais adiante, no mesmo texto, Todorov (2010) também promove reflexões sobre a necessidade e a importância de ainda se estudar literatura.

A literatura é concebida como arte. Em *Por que estudar literatura?* (2012), Jouve faz um apanhado de como a arte foi entendida no decorrer dos séculos. A definição do que seja arte, no geral, para muitos teóricos, não deve ser estabelecida, pois é melhor crer num conceito aberto, o qual possa englobar, cada vez mais, variados objetos artísticos. Isso não quer dizer, por outro lado, que não seja possível reconhecer propriedades artísticas em uma obra.

Há muito tempo, a arte está associada ao belo e, para Jouve, se ela evolui, é porque a nossa ideia do que seja o belo está sempre em modificação. Sobre isso, quando se vincula a arte com o belo, existem duas perspectivas: a subjetiva e a relacional. A relacional parte da crença de que o belo depende do gosto de cada um, logo cada um atribuirá a um determinado objeto o valor de arte ou não. E a subjetiva defende que o objeto artístico manifesta a intenção de produzir o belo.

Aprofundando essa associação da arte como sinônimo do estético, Jouve deixa claro que esse pensamento está datado de uma época, pois muitas obras consideradas de arte hoje, no momento de sua criação, não tinham relação com o conceito de belo. Assim, “a arte já não é somente, para nós, o que visa ao belo; é também aquilo que pode emocionar ou fazer pensar” (JOUVE, 2012, p. 18). A partir dessa citação, fica claro que a noção da estética não é afastada do objeto artístico, ela é apenas ampliada para as outras propriedades da obra de arte. Levando em consideração que a arte é uma necessidade transcultural, que sempre existiu, mesmo quando

ela ainda não era assim nomeada, existem três características comuns sobre esse conceito: ela não tem utilidade, exprime alguma coisa e lhe é reconhecido um valor.

Citando Schaeffer, Jouve (2012) nos mostra três fatores que definem um objeto como arte: a atenção estética, a pertinência genérica e a intenção estética. Esses três pontos estão, respectivamente, para a relação que a obra literária possui entre os três elementos: o leitor, a obra e o autor. Isso porque a atenção estética está relacionada com a recepção, que, na literatura, é a participação do leitor. A pertinência genérica trata da obra em si, por exemplo, observando se ela está enquadrada nas características do gênero a que se propôs. E a intenção estética trata de quem produziu o objeto, no caso, o autor (JOUVE, 2012, p. 20). O estudioso acrescenta também que a literatura é concebida, em muitos momentos, como a obra de arte, mas, em contraste com outras, tem a singularidade de ter a linguagem como material básico.

Diferentemente do que se observa nos textos de Compagnon e Todorov, Jouve não trata apenas da importância do sentido que depreendemos de um texto literário, mas também enaltece a forma, o estético, valorizando o papel do autor e da obra. Nesse entremeio, podemos afirmar que ler e compreender um livro é compreender o humano e toda a sua complexidade, certo que isso não nos torna melhores, mas pode ser proporcionado um leque de informações a ponto de fazer com que nos relacionemos melhor com o outro. A esse respeito, Candido, em *Literatura e sociedade*, mostra que

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (2006, p. 84).

Sendo assim, devemos considerar que a influência é uma via de mão dupla. O texto literário é influenciado pelo meio, através de seus leitores, e, em contrapartida, os leitores podem ser influenciados pelo texto ficcional. Apesar de considerarmos a literatura um mundo paralelo onde há uma representação ou tentativa de um real, não podemos discordar da grande influência que ela exerce na vida das pessoas. Segundo Terry Eagleton,

a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não pela natureza daquilo que é lido. Há certos tipos de escritos – poemas, peças de teatro, romances – que, de forma claramente evidente, pretendem ser “não-

pragmáticos” nesse sentido, mas isso não garante que serão realmente lidos dessa maneira (2003, p. 11).

Acertadamente, esse teórico evidencia que as definições tentam limitar a arte literária. Outro ponto bastante instigante que podemos levantar a partir dessa questão é a carga afetiva existente no texto literário e/ou no leitor. Nesse sentido, o leitor, em alguns momentos, tem a capacidade de decidir se ele será literário ou não. Isso dependerá, sobretudo, da sua experiência com a leitura. Eagleton ainda foi mais além quando mostrou que

podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde Beowulf até Virgínia Woolf, do que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita (2003, p. 12).

A problemática abordada aqui é a de que a literatura não se limita a conceituações. Trata-se de uma experiência ampla, em que o leitor terá a porta de entrada para mundos diversos. E esses pressupostos tomam maiores proporções quando os relacionamos à subjetividade do leitor.

1.2 O caminho do leitor

Como aponta o próprio título, nesse momento inicial, achamos relevante discutir como o leitor é visto e construído. Para isso, recorreremos a alguns teóricos que trazem à tona pontos que evidenciam “a presença do leitor” à cena do texto literário. Iser e Jauss são os principais nomes que darão subsídios para essa discussão. Todavia, outros teóricos, como Chartier, Jouve e Compagnon, também irão contribuir para esta pesquisa.

Essas escolhas não são aleatórias, pois estudiosos se dedicaram a pesquisas que envolvem a figura do leitor e trazem reflexões a respeito de algumas mudanças que a categoria traz a algumas abordagens literárias. De forma específica, quando nos debruçamos sobre o *corpus*, o caminho a ser percorrido é delimitado. A relação do leitor com o texto literário, a presença do leitor para que o texto literário “aconteça”, é um dos pontos cruciais que nos nortearam. Assim, nos concentramos na carga subjetiva que leva um leitor a fazer certas escolhas literárias em detrimento de outras.

Embora algumas teorias tratem do leitor, muito ainda precisa ser discutido sobre esse ser que trabalha na (des)construção do texto. Ao analisarmos a sua importância no processo da leitura literária, nos deparamos com vários papéis que são desempenhados por ele, como o de contemplador e o de disseminador. No tocante ao contemplador, podemos fazer, mesmo que mentalmente, um percurso percorrido pelo sujeito em sua caminhada “literária”.

No início do estágio, embora apresente sua subjetividade, ele contempla de forma menos crítica o texto. A sua leitura permanece, quase sempre, na superficialidade. Talvez seja uma herança excluir, de certa forma, a sua subjetividade, desconsiderá-la. Por outro lado, temos o leitor que também é disseminador, aquele que consegue motivar outro leitor a conhecer o texto literário a partir de suas impressões. O leitor é, mesmo que de forma inconsciente, afetado por suas leituras, e essas mesmas leituras são, em muitos momentos, compartilhadas através de suas emoções.

Por isso, falar desse ser que lê, que faz com que a literatura ganhe forma é entrar em um ambiente que suscita vários questionamentos, mas que concebe uma importância extrema, principalmente quando se trata da tríade leitor, autor e obra. Um não existe sem o outro, apesar de que, em alguns momentos da história literária, acreditou-se no inverso dessa afirmativa.

Jonathan Culler (1997), em *Sobre a desconstrução*, evidencia que a interpretação de uma obra torna-se uma descrição daquilo que acontece ao leitor: como várias convenções e expectativas entram em jogo, em que conexões específicas ou hipóteses são colocadas, como as expectativas são derrotadas ou confirmadas. Assim, o jogo comunicativo estabelecido pelo texto suscita vozes, as quais, por sua vez, correspondem à parte do processo de leitura e de apreensão do texto. Sendo assim, com o nascimento da Estética da Recepção, corrente que traz, sobretudo, a discussão que considera o leitor como peça fundamental na tríade da leitura, foi dado a ele um lugar de destaque, embora ainda apresente críticas e limitações.

A partir do século XIX, quando ler deixou de ser uma atividade que privilegiava apenas o universo masculino, com o advento da imprensa e do ensino por meio de escolas, foi proporcionada uma ampliação do público leitor, pois tanto as classes menos abastadas quanto as mulheres foram beneficiadas, tendo como principal objeto de leitura folhetins e romances. Essa reviravolta se deu, sobretudo, em virtude da industrialização.

A aula inaugural denominada “A história da literatura como provocação da ciência literária”, de Hans Robert Jauss, principal mentor da Estética da Recepção, deu início às discussões acerca do leitor (COMPAGNON, 2009, p. 25). Acerca dessa corrente teórica, Luiz

Costa Lima (1979, p. 17) afirma que ela, em vez de considerar, por um lado, a obra de arte, e, por outro, a função do receptor, parte de sua absoluta interação: enquanto estético, o valor da arte, ainda que sustentado na materialidade da obra, se atualiza tão só na consciência do observador.

Com as pressuposições da Estética da Recepção, o leitor não ficou subjugado apenas a interesses comerciais, sendo um mero consumista, uma vez que a Estética da Recepção trouxe um suporte para a (re)descoberta do leitor, até então pouco considerado pela crítica literária. Terry Eagleton (2006, p. 113) nos diz que,

De forma muito sumária, poderíamos periodizar a história da moderna teoria literária em três fases: uma preocupação com o autor (romantismo e século XIX); uma preocupação exclusiva com o texto (Nova Crítica) e uma acentuada transferência da atenção para o leitor, nos últimos anos.

Em virtude disso, podemos considerar que foi uma grande evolução não mais prender a estética a uma análise imanentista do texto literário, como era praticado pela teoria da literatura desde a *Poética*, de Aristóteles. Quando um leitor se debruça sobre um texto, ele leva consigo uma história, seja ela de cunho textual ou não. A partir dessa perspectiva, é inconcebível pensar que o leitor não é parte relevante no processo de construção de sentidos. Costa Lima (1979) mostra que a Estética da Recepção se apresentava como alternativa a um imanentismo burocratizante. Entenda-se aqui burocracia como uma denominação pejorativa que pode justificar a falta de liberdade no trato com textos literários.

Dessa forma, o texto e o autor deixaram de ter o principal papel e passaram a ser um instrumento no qual o leitor é um construtor de sentidos, pois sem ele a literatura não acontece, é ele quem dá vida aos textos. Stierle, em “Que significa a recepção dos textos ficcionais”, afirma que, em Jauss, a recepção é sempre o momento que se inicia pelo “horizonte de expectativa” de um primeiro público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica de pergunta e resposta” (1979, p. 120).

Esse horizonte de expectativa está pautado na ideia de repertório, ou seja, no conhecimento adquirido pelo leitor tanto por meio de suas leituras escritas quanto por suas experiências e sua visão de mundo. Logo, pressupomos que de alguma forma o leitor carrega impressões e as põe no texto, então seria incoerente esquecê-lo, pois ele tem o poder de

“movimentar” o texto. Sem ele, o texto é apenas um emaranhado de palavras. Wolfgang Iser, em “A interação do texto com o leitor”, traz que:

[...] a relação texto-leitor difere consideravelmente dos modelos atrás esboçados. Falta-lhe a situação face a face, em que se originam todas as formas de interação social. Pois o texto não pode sintonizar, ao contrário do parceiro na relação diádica, com o leitor concreto que o apanha. Na relação diádica, os parceiros podem mutuamente se perguntar, de forma a saber se controlam a contingência ou se suas imagens da situação transpõem a inapreensibilidade da experiência alheia (1979, p. 87).

Na visão de Iser (1979), o leitor é parte fundamental, mas não uma fonte segura, uma vez que o texto nos convida a várias possibilidades de interpretação. Essas, por sua vez, só serão dignas de sucesso se, de fato, o leitor conseguir preencher os espaços em branco do texto.

Embora suas contribuições tenham sido em regra a favor do leitor, Iser recebeu sérias críticas a respeito de seus postulados, sendo que a principal delas gira em torno do leitor implícito. Para Stierle (1979), a teoria da recepção de Iser é uma teoria das variáveis, cujas constantes se encontram apenas no lado do próprio texto. Nesse sentido, Costa Lima afirma que,

Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro, que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada à leitura que está cumprindo. Só mediante essa condição, dirá Iser, a assimetria entre texto e leitor poderá dar lugar “ao campo comum de uma situação” comunicacional (1979, p. 51).

Costa Lima (1979) mostra ainda como Iser via a relação entre o leitor e o texto literário. No entanto, sabemos que há também um indício de crítica, pois Iser é bastante taxativo em seus conceitos e se assemelha, de certa forma, a correntes tradicionais que viam o leitor como um ser totalmente passivo. O potencial do leitor é bem maior do que então se discutia na visão de Iser, na medida em que ele é capaz de dar sentido à leitura, não é um mero coletor de dados que irá revitalizar o texto através dos espaços em branco que o autor define. Apesar de certas divergências em alguns pontos, a Estética da Recepção contribuiu sobremaneira para a ascensão do leitor. Com essa ascensão, o leitor foi percebido como um ser ativo e capaz de atualizar e revitalizar o texto literário, assim o eixo de análise de uma produção textual deixa de ser a obra e passa a ser a sua recepção, percebendo-se, com isso, o seu impacto na sociedade.

Compagnon (1999) também faz menção à tríade autor, leitor e obra. Até certo momento, a obra era o centro das discussões, e as leituras realizadas pelos seus receptores de nada valiam. Compagnon também traz alguns autores que não consideravam o leitor enquanto tal. Brunière, Lanson e Mallarmé são citados, bem como os historicistas, os formalistas e os New Critics, os quais concordaram durante muito tempo em banir o leitor,

cuja exclusão foi mais clara e expressamente formulada pelos *New Critics* americanos do entreguerras. Eles definiam a obra como uma unidade orgânica auto-suficiente, da qual convinha praticar uma leitura fechada (*close reading*), isto é, uma leitura idealmente objetiva, descritiva, atenta aos paradoxos, às ambiguidades, às tensões, fazendo do poema um sistema fechado e estável, um monumento verbal, de estatuto ontológico tão distanciado de sua produção e de sua recepção quanto em Mallarmé (COMPAGNON, 1999, p. 141).

Dessa maneira, percebemos que em um dado momento a leitura era tida como algo objetivo, concreto e fechado. Compagnon (1999), citando Proust, mostra que, mesmo de uma forma positivista, o leitor é um espírito reagindo ao livro, à proporção que aplica ao que lê a sua própria forma de ver e de estar no mundo. No mesmo texto, o crítico citado apresenta algumas concepções que trazem o leitor à cena literária. O início de tudo se deu com a fenomenologia, cujo principal mentor foi Roman Ingarden, que, por sua vez, também contribuiu para o surgimento da Estética da Recepção. Para esse crítico, o texto é um processo que imbrica tanto normas quanto valores extraliterários e cujo significado é dado por cada leitor conforme sua experiência.

Compagnon (1999) também apresenta as ideias do crítico e teórico que muito contribuiu para a re(descoberta) do leitor: Iser, o qual trouxe o conceito de leitor implícito. Iser afirma que o texto é um dispositivo potencial em que o leitor, por sua interação, constrói um objeto coerente. Assim, a obra literária terá dois polos, “[...], o artístico e o estético. O primeiro é o texto do autor e o segundo é a realização efetuada pelo leitor” (COMPAGNON, 1999, p. 148). O objeto literário é, por conseguinte, a própria interação do texto com o leitor.

Acertadamente, Compagnon (1999) afirma que o texto instrui, enquanto o leitor constrói. O texto, nesse caso, é uma espécie de partitura que o leitor preenche a partir de sua experiência subjetiva, e essa é a raiz do leitor implícito, discutido acima. Assim:

A leitura, como expectativa e modificação da expectativa, pelos encontros imprevistos ao longo do caminho, parece-se com uma viagem através do texto. O leitor, diz Iser, tem um ponto de vista móvel, errante, sobre o texto. O texto nunca está todo, simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o

leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças à sua memória, e estabelece um esquema de coerência cuja natureza e confiabilidade dependem de seu grau de atenção (COMPAGNON, 1999, p. 152).

Para esse crítico, Iser descreve um universo literário bem controlado, semelhante a um “jogo de papéis programado” (COMPAGNON, 1999, p. 130), assim, o leitor obedece apenas ao que o texto lhe impõe. Na concepção da teoria do efeito de Iser, os textos literários são distintos dos não literários, especialmente dos científicos, pela presença de vazios ou intervalos que acabam sendo preenchidos pela disposição individual do leitor. Dessa forma, Costa Lima, em seu livro *Teoria da literatura em suas fontes*, diz que:

Os textos são estímulos, portanto, para a comunicação por meio de textos ficcionais, segundo o autor [Iser], aquelas partes de indeterminação, constitutivas dos textos de ficção, partes que o leitor procura esclarecer por meio da atividade ideativa. E é nesse processo de quebra da ambiguidade que o leitor desenvolve uma situação [...] e cria as condições para a compreensão do texto [...] (1979, p. 422).

Costa Lima (1979) destaca que, mesmo com o advento da Estética da Recepção, o leitor implícito, na verdade, só tem como escolha obedecer às instruções do autor. Nesse sentido, percebemos que as críticas feitas por Compagnon a respeito do leitor implícito de Iser procedem, uma vez que, mesmo com a disseminação das ideias postas pela Estética da Recepção, essa abertura para interpretações das indeterminações acabou por gerar alguns problemas. Apesar da consideração proveniente da Estética da Recepção para com o leitor, ainda assim ele fica limitado aos pontos de indeterminação que são deixados pelo autor. Porém, faz-se necessário salientarmos que, apesar das críticas, não se pode negar a contribuição que Iser deixou para uma nova abordagem da literatura e, sobretudo, do leitor.

A respeito dos teóricos que produziram sua teoria em prol da atuação do leitor na construção do texto, é interessante notar as linhas de pensamento que eles seguiram. Assim, com Roman Ingarden e Iser, tem-se noção da recepção numa perspectiva individual, ou melhor, é a fenomenologia do ato individual da leitura; já com os críticos Gadamer e Jauss, a recepção é estudada a partir de uma hermenêutica da resposta pública ao texto, é a recepção do ponto de vista da coletividade. Além disso, Ingarden, fundador da Estética Fenomenológica, via no texto uma estrutura potencial concretizada pelo leitor na leitura, como um processo que põe o texto em relação com normas e valores extraliterários.

Iser, em sua teoria, atribui um importante valor ao leitor e à sua individualidade no ato de ler. Segundo Compagnon (1999), esse teórico estabelece o conceito de leitor implícito como

uma construção textual que corresponde ao papel atribuído ao leitor real pelas instruções do texto. O leitor implícito propõe um modelo ao leitor real, define um ponto de vista que permite a este construir sentidos, designando uma rede de estruturas que obrigam o leitor a captar o significado da obra.

A relação entre esses dois leitores pode ser percebida no fato de o leitor implícito fornecer esquemas, cuja concretização caberia ao leitor real. No entanto, é importante citar que, para uma realização eficiente da leitura, é necessária uma intersecção entre o repertório do leitor real e o repertório do texto (leitor implícito). Sobre essa perspectiva, podemos fazer um comparativo entre a noção de leitor implícito posta por Compagnon e a que é colocada por Eagleton em *Teoria da literatura*, a saber:

Todo texto literário é construído a partir de um certo sentimento em relação a seu público potencial, e inclui uma imagem daqueles a quem se destina (...). O escritor pode não pensar em um determinado tipo de leitor, pode ser soberanamente indiferente a quem vai ler sua obra, mas um certo tipo de leitor já está implícito no próprio ato de escrever, funcionando como uma estrutura interna do texto. (EAGLETON, 2006, p. 127).

Vemos, então, que, independentemente da vontade do autor, ele, ao construir sua obra, já está construindo o tipo de leitor a quem ela se destina. É algo inconsciente para quem escreve e que não surge de maneira taxativa, isto é, com recomendações a quem se destina a obra, constituindo, sobretudo, um processo implícito ao ato de escrever.

Compagnon (1999), referindo-se ao conceito de leitor implícito, critica o fato de o leitor de Iser ser um espírito aberto, liberal, generoso, disposto a fazer o jogo do texto. No fundo, é ainda um leitor ideal. Isso porque a liberdade concedida ao leitor está restrita aos pontos de indeterminação do texto, entre os lugares que o autor determinou.

Em “A interação do texto com o leitor” (1979), Iser se “defende” das críticas recebidas sobre suas postulações, pois ele impõe que o leitor, diante da indeterminação do texto, saiba diferenciar entre o que deve ser de fato preenchido e o que deve ficar em branco. Mostra, também, que são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura.

Toda essa discussão em relação a Iser está ligada à leitura individual, porém a Estética da Recepção também tem outro ângulo: a leitura coletiva, cujo formulador é Hans Robert Jauss. Para ele, existe um conjunto de convenções que contribui para a leitura tanto de um leitor quanto

de uma coletividade. Ao fazermos uma comparação com as dissertações ora analisadas, verificamos que há uma relação bastante íntima no que diz respeito a essa coletividade. Ao adentrarmos a escrita dos mestrands em Letras, verificamos que há um leitor preocupado, sobretudo, com questões socioculturais, mesmo que não tenha consciência disso, pois, mesmo que de forma inconsciente, as escolhas por um autor e uma obra, por exemplo, são inspiradas por algumas relações. Nesse sentido, esse conceito de coletividade existe, visivelmente, onde as escolhas se estruturam a partir de motivações.

Stanley Fish afirma que “o leitor começa sempre por uma interpretação, não há texto preexistente que possa controlar sua resposta: os textos são as leituras que nós fazemos deles; nós escrevemos os poemas que lemos” (apud COMPAGNON, 2009, p. 161). O que se coloca aqui está intrinsecamente relacionado com a capacidade subjetiva de cada leitor. A leitura só existe porque há um leitor capaz de lhe dar vida, e, na mesma medida, o livro só existe porque há um público que revitaliza, através de suas leituras, o texto literário.

Em “O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*”, de Jauss, somos levados a entender como o leitor ganhou espaço numa discussão mais consistente, uma vez que esse teórico apresenta o prazer estético e toda sua face emblemática. A ideia de prazer foi bastante discutida e interpretada de modos diferentes em determinados contextos. Com o passar do tempo, outros questionamentos em torno do problema do prazer estético foram levantados.

O autor define três momentos para se chegar ao que hoje chamamos de experiência estética, sobretudo aquela que toca o leitor. A primeira está calcada na ideia que Aristóteles tem a respeito do prazer. Para ele, o papel mais significativo dessa experiência estética está relacionado a uma dualidade: a experiência não precisa partir somente daquilo que seja tido como belo, mas também daquilo que é tido como feio, deformado, pois também faz parte da experiência vivida pelo espectador, na medida em que ele lê a obra à sua maneira. Pode, pois, “identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões” (ARISTÓTELES apud JAUSS, 1979, p. 79). Aqui, percebemos que há uma grande evolução acerca do prazer estético propriamente dito, pois que deixou de ser visto como algo que era somente vinculado a uma positividade e passou a se relacionar também ao feio, ao negativo (se é que podemos fazer essa ligação) e, conseqüentemente, à afetação do leitor.

Um outro ponto que Jauss (1979) destaca para a autoafirmação da experiência estética está calcado na ideia existente entre o bom, orientado para Deus, e o mau uso do prazer dos

sentidos, voltado para o mundo, conforme o pensamento agostiniano. O terceiro momento que contribuiu sobremaneira para a evolução da experiência estética se relaciona com o pensamento de Górgias, que estava interessado na “preparação” do ouvinte de um discurso e na transposição de seu esforço apaixonado para uma nova convicção, que, irresistivelmente, “forma a sua alma como ela deseja”.

Nesse entremeio, Jauss (1979) nos permite imaginar a experiência estética a partir de três ângulos: o da *poiesis*, o da *aistheisis* e o da *katharsis*, sendo que, o primeiro designa o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos; o segundo, o prazer estético da recepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo; e o terceiro, aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique.

Jauss (1979), ao conseguir compilar essas informações, nos mostra o quanto o processo de leitura é dinâmico e não depende apenas de um papel. A *poiesis*, a *aistheisis* e a *katharsis* funcionam como um tripé, mas não necessariamente uma dependendo da outra, pois, em face de sua própria obra, o criador pode assumir o papel de observador ou de leitor, e a experiência, por sua vez, será outra.

Não há uma fórmula predeterminada a respeito do processo de leitura e afetação. Isso está mais ligado ao momento em que o leitor está inserido, seja histórica, psicológica ou socialmente. Jauss fundou, com isso, uma concepção que contribui até hoje para que desvendemos como o processo recepcional afeta o leitor e como o processo de produção de leitura literária depende tanto do leitor quanto do autor. Roland Barthes, em *O prazer do texto* (2008), empenha-se ao máximo para que o prazer estético seja levado em consideração pela crítica. A negação do prazer estético faz com que o leitor tenha apenas um papel passivo diante da obra de arte, perspectiva que é inconcebível, haja vista que ele – o leitor – é peça fundamental para o processo recepcional. Se não há leitor, não há textos.

Roland Barthes questiona: “quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição? Ora este contra-herói existe: é o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer” (2008, p. 08). Nessa perspectiva, o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens que trabalham lado a lado, e o prazer da leitura vem de certas rupturas (colisões): códigos antipáticos que entram em contato. Assim, é notável como Barthes se utiliza de neologismos, de rupturas, pois, para ele, é isso que causa um efeito de fruição e prazer em quem lê.

Barthes afirma ainda que o fato de o escritor escrever com prazer não quer dizer que irá causar prazer no leitor, pois isso irá depender do espaço, da possibilidade de dialética de um desejo. O prazer está calcado na escritura, pois essa é a ciência da fruição da linguagem, assim o texto de prazer – aquele que contenta – enche, dá euforia, vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura (BARTHES, 1988, p. 21). Não existe, por trás do texto, ninguém ativo (o escritor) e, diante dele, ninguém passivo (o leitor), não há, portanto, um sujeito e um objeto. Segundo Eagleton:

O leitor sempre foi o menos privilegiado – estranhamente, já que sem ele não haveria textos literários. Estes textos não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura. Para que a literatura aconteça, o leitor é tão vital quanto o autor (2006, p. 113).

Para Barthes, a experiência é individual. Essa fruição dependerá tão somente do sujeito leitor. É nesse jogo de descontração que ele afirma que

o texto é atópico, se não no seu consumo, pelo menos em sua produção. Não é um falar, uma ficção, nele o sistema está desbordado, defeito (esse desbordamento, essa defecção, é a significância.). Desta atopia ele toma e comunica a seu leitor um estado bizarro: ao mesmo tempo excluído e pacífico (BARTHES, 2008, p. 38).

Para o estudioso, embora o leitor seja “excluído” do processo de escrita, não se pode excluí-lo do processo de sentido, na medida em que é ele quem dá vida e faz com que o texto circule. Como aponta Rezende, “o desejo de ler ou reler é um desejo de conhecimento que nasce de uma vontade de compartilhar com os outros leitores, e a palavra desempenha um papel essencial” (2013, p. 72). Considerando essas afirmações, podemos entender que o leitor tem o poder de classificar o texto conforme sua leitura. Em suma, verificamos o quanto o leitor é parte essencial no processo de leitura, pois é nele que a experiência estética acontece, contribuindo, principalmente, para a revitalização do texto literário e, sem dúvidas, para a sua disseminação.

Segundo Compagnon (2009), Fish recusava a ideia do texto como um objeto autônomo, formal, denunciando a ilusão da objetividade e de sua autonomia. Para ele, desaparece a dicotomia texto/leitor, que são reduzidos e englobados no conceito de comunidades interpretativas, conceito esse que designava os sistemas e as instituições de autoridade. Dessa

forma, quando dois leitores produzem o mesmo tipo de leitura ou têm a mesma interpretação de um texto, em sua grande maioria, eles pertencem à mesma comunidade interpretativa.

Com o advento da ideia de comunidade interpretativa, de Fish, não há mais “supremacia” perante o texto, o leitor e o autor, nem de qualquer outra entidade, pois não são mais percebidos como concorrentes. O resultado é dependente da comunidade na qual o leitor se insere e que tem o poder de moldar seus pensamentos (apud COMPAGNON, 2009). É preciso ter em mente que uma obra só adquire o *status* literário através da atuação do leitor, e a leitura por ele empreendida faz com que as obras literárias adquiram novos contornos semânticos quando lidas em momentos diferenciados da história e do momento em que o leitor está vivendo.

Ainda que manifestem posições divergentes sobre a forma como o leitor interage com o texto, Jauss e Iser e outros teóricos, como Eagleton, Proust e Fish, não ignoraram o poder revitalizador que aquele que lê tem para com a obra. Sem a Estética da Recepção, a análise literária permaneceria na “velha” dicotomia autor/obra. E assim compreendemos que o ato de ler nos permite observar, refletir, transformar o espaço em que vivemos; permite-nos ser constantes aprendizes de cultura, além de nos permitir entender que toda a literatura resulta de uma experiência cultural, social, política, ideológica, existencial; ademais, permite-nos valorizar as conexões entre história e cultura e vivenciar a relação dialógica entre texto e leitor, e essa relação é essencial, uma vez que estimula o leitor em sua totalidade (sentimentos, sensações, intelecto, imaginário, etc.) (BELLE, 2007).

1.3 Subjetividade literária

No programa de Pós-Graduação em Letras, até o momento da pesquisa foi defendido um total de 187 dissertações. Dessas, analisamos as que são da área de Estudos Literários, considerando, sobretudo, os indícios de escolha e critério dados pelos leitores em seus próprios textos.

Aqui, entramos no conceito de subjetividade, uma vez que ela está intrinsecamente ligada à escolha e/ou ao critério. O conceito de subjetividade a que chegamos, a partir de leituras e discussões, é o de que todo leitor carrega sentimentos consigo e, a partir desses sentimentos, bem como de suas perspectivas, os textos são lidos/sentidos. Jouve (2013, p. 54) também esclarece que “o modo pelo qual um leitor imagina cenário e personagens a partir de indicações, em geral um tanto vagas do texto, remete a situações e acontecimentos que vivenciou e cuja lembrança retorna espontaneamente durante a leitura”.

Como bem aponta Anatole France (1888), em “Sobre a subjetividade radical da crítica”, ao criticarmos uma obra, ao fazermos o papel do crítico, estamos falando de nós mesmos. A leitura empreendida por cada leitor reflete quase sempre o seu estado de vida. Não há como negar nossa própria história quando estamos analisando o texto literário. De certa forma, somos levados a conduzir as leituras a partir das nossas impressões. O mundo da literatura possibilita uma imersão tão intensa que o leitor acaba por esquecer o mundo à sua volta. Tratar de subjetividade é, portanto, trazer para o cerne das discussões as palavras: gosto, sentimentos, opiniões. Nesse sentido, France mostra que “Os leitores procuram nos livros todos os tipos de belos segredos sobre os homens e as coisas. Procuram sempre, e seu espírito nunca fica em repouso. Se os livros trazem paz aos pacíficos, perturbam as almas dos inquietos” (1888, p. 581).

Além disso, ao se deparar com um texto literário, considerando o leque de possibilidade dos preenchimentos dos espaços em branco, o leitor vai rememorando as lembranças, fazendo associações de toda ordem, a partir da leitura do texto literário. É seguindo essas convicções que Annie Rouxel desenvolve o artigo “Autobiografia de leitor e identidade literária”. Ao citar autores como P. Dumayet e A. Gide, que escreveram sobre suas relações com o texto no ato de

leitura, a autora explica o que é o gênero autobiografia literária, bem como o conceito de identidade literária (ROUXEL, 2004).

Para ela, a noção de identidade literária está voltada para o leitor que associa a si mesmo aos textos que mais o marcaram e o representam. A autobiografia de leitor é um gênero de texto que mistura o gênero autobiografia ao conceito de identidade literária.

Uma das características dessa identidade literária está relacionada à reflexão que o leitor faz sobre seu papel de leitor, mencionando os textos literários que lhe foram mais importantes e detalhando como a leitura mudou sua percepção de mundo. Nesse contexto, a subjetividade é um fator muito importante para entendermos como os leitores apreendem o texto literário e como suas vivências afetam a sua recepção. Assim, Bertrand Gervais, em “Três personagens em busca de leitores: uma fábula” (2013), defende que:

A leitura e a escrita são formas de isolamento, mas de um isolamento salutar. Quando eu leio e quando escrevo não quero que o outro esteja lá, mesmo enquanto interlocutor imaginário. O texto que leio ou escrevo me basta, ele tem sua própria realidade, suas próprias modalidades de existência. Quando leio, não tenho um autor na cabeça, alguém que se dirige a mim, não me relaciono com ninguém, da mesma forma que tampouco tenho um leitor na cabeça quando escrevo, não vislumbro ninguém (2013, p. 41).

Esse isolamento nos permite chegar à conclusão de que o leitor efetua sua leitura a partir de suas perspectivas. Podemos relacionar esse pressuposto à própria interpretação dos textos literários. Quando lemos um poema de Drummond, por exemplo, podemos apreender a perspectiva amorosa ou a crítica social que o eu-lírico transmite por meio do texto. Isso dependerá muito do leitor, de suas projeções e de seu repertório de leitura.

Todo leitor projeta em sua leitura suas experiências individuais, sendo assim, não lê o texto de forma estanque, mas o associa ao seu repertório de leitura. Nesse sentido,

Enfim, Iser insiste naquilo que ele chama de repertório, isto é, o conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à leitura. Mas também o texto apela para um repertório, põe em jogo um conjunto de normas. Para que a leitura se realize, um mínimo de interseção entre o repertório do leitor real e o repertório do texto, isto é, o leitor implícito, é indispensável. As convenções que constituem o repertório são reorganizadas pelo texto, que desfamiliariza e reforma os pressupostos do leitor sobre a realidade (COMPAGNON, 2006, p. 152- 153).

É exatamente nesse ponto que a subjetividade é importante, uma vez que acaba considerando o leitor como uma peça-chave. A multiplicidade de interpretações é excluída ao tentarmos considerar ou valorizar apenas uma perspectiva, haja vista que ficamos sujeitos a providenciar um espaço pequeno para a construção de identidades e o respeito às diferenças.

Considerar que o texto literário é capaz de suscitar várias possibilidades de interpretação é a melhor opção. A subjetividade é um fator particular, por isso nos deparamos com textos críticos a respeito de textos literários, mas com perspectivas singulares, ou seja, a crítica literária é feita através de uma leitura sob a perspectiva do leitor. Pode partir de uma coletividade, mas as conclusões são sempre influenciáveis, considerando até mesmo os fatores externos ao texto.

Voltando ao texto de Rouxel (2013), há nele uma reflexão interessante sobre o posicionamento de alunos que fizeram parte do estudo quanto à identidade de leitura dual que afirmam ter. Isso porque as obras literárias escolhidas para serem estudadas na escola sempre estão distantes daquelas que são escolhidas subjetivamente.

Por isso, a ideia de leitor forçado – o aluno que, na escola, é obrigado a ler um texto do qual não gosta e passa muito tempo falando sobre ele – muitas vezes, infelizmente, contribui para que os adolescentes tomem toda literatura como ruim. Isso não quer dizer que apenas as leituras agradáveis devem ser solicitadas, mas há uma maneira muito mais eficaz de se chegar a um possível leitor: através da própria leitura. Aqui, voltamos a questão da afetação literária, uma vez que só conseguimos afetar o outro à medida que, de fato, lemos. Entendemos que subjetividade é uma concepção nova para as abordagens literárias, mas que está intrinsecamente relacionada ao leitor, faz parte da conjectura do processo de leitura. Porém, isso não significa que seu ponto de vista e sua visão crítica de um texto estejam excluídos.

No nosso caso, os aspirantes a mestres, em suas dissertações, deixam transparecer, sobretudo, a satisfação no trato com o texto literário, o que nos possibilita concluir que a subjetividade literária é uma das melhores opções a ser considerada para a análise literária dos textos. Verificamos, ainda, que, apesar de ser um texto acadêmico, há a presença da emoção, da afetividade. Ao analisarmos os trabalhos do PPGL, percebemos que, mesmo que de forma inconsciente, os mestrandos conseguem deixar sua marca através da sua leitura, seja de um autor, de uma obra ou de uma teoria.

Rouxel, ao citar Michèle Petit, afirma que “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina” (2013, p. 72). Assim, é necessário fazer sentir, motivar a partir de sensações internas, sem descartar os conteúdos formais. Rouxel tem como foco central valorizar

abertamente a subjetividade do leitor. Ao descrever os modelos de leitores, a autora mostra a importância da maneira como o leitor se relaciona com os textos, pois ele pode desempenhar o papel de um espectador ou de um crítico, dependendo dos textos e do momento de sua vida. Nesse sentido, Langlade, em “O sujeito leitor, autor da singularidade da obra”, afirma que:

Considerar a implicação do sujeito leitor como uma necessidade funcional da leitura literária – o que procuro fazer aqui – só pode nos levar a considerar os elementos de subjetividade produzidos pela atividade leitora por mais estranhos ou desorientados que possam parecer à primeira vista (2013, p. 37).

Aqui, o que se coloca é que a literatura, em sua grande maioria, não apresenta uma função, seja de melhorar o processo de leitura, de escrita, ou até mesmo tornar alguém melhor por ser um sujeito leitor, como querem muitos escritores que se voltam para uma “tal” humanização por meio do texto. Os textos literários apresentam mundos, e os leitores são os navegadores. Sem essa abertura, sem essa legitimidade do texto literário, não pode haver construção de sentidos. Assim, consideramos que os leitores cujas dissertações serão analisadas se aproximam de um público especial, o dos leitores conceituais, isso porque:

Ao lado, ou melhor, frente ao leitor arcaico, ergue-se a figura autorizada e bem conhecida do leitor experto, amador esclarecido, professor de letras, profissional da literatura. Esse leitor “conceitual” formado em estudos literários conhece as teorias da literatura, beneficia-se de uma perspectiva histórica e de um conhecimento aprofundado, embora às vezes indireto, das obras literárias maiores. Ele se refere a uma concepção mais anônima da literatura onde os saberes – históricos, culturais, estilísticos etc. – ocupam o primeiro plano. Está claro que esse leitor é o único a possuir toda a legitimidade para o ensino da literatura (LANGLADE, 2013, p. 30).

Embora acreditemos nessas características, que, de alguma forma, fazem com que o leitor literário pertencente à academia seja diferenciado ou tenha uma leitura mais especial, principalmente aqueles que têm como objeto de pesquisa textos literários, não podemos nos esquecer de ressaltar a importância da subjetividade, uma vez que ela está aí atrelada e talvez de forma mais intensa do que em qualquer outro leitor comum.

Mesmo considerando que esse leitor precisa responder aos anseios academicistas, não há como negar a presença de preferências em suas leituras, seja com relação a um escritor, seja com relação a um conteúdo específico, ou até mesmo a um estilo. As dissertações, nesse sentido, revelam características desses leitores.

Maria Helena Martins, em *O que é leitura* (2006), abre um capítulo para falar sobre os processos de leitura e colocar no cerne das discussões o funcionamento do ato de ler. Para ela, há três níveis básicos de leitura: nível sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial é dada através dos sentidos: primeiro o leitor se atrai por formato, cor, cheiro do livro; faz também ligações da sua vida real com as características do exemplar. É, pois, um resgatador de memórias. Logo, o nível emocional, por sua vez, está para os sentimentos, na medida em que o texto é tido mais como um acontecimento do que como um objeto.

O texto é julgado pelo momento em que se encontra o leitor. A autora traz um exemplo bastante pertinente: um texto pode suscitar gargalhadas ou revoltas no leitor. Tudo depende das circunstâncias em que ocorre esse processo de leitura. E, por fim, o nível racional, no qual o texto é lido de forma mais intelectual, buscando sempre respostas dentro dele. Apesar de se importar pelo que o leitor sente, está mais interessado na relação que há entre o texto e seu conteúdo.

Em suma, a autora nos mostra que a leitura sensorial nos acompanha por toda a vida e que, embora esteja relacionada ao emocional, está mais envolvida com sentimentos do que com qualquer outro aspecto. Além disso, a leitura racional entra em pontos específicos, pois, ao resgarmos certos conteúdos, fazemos também ligações intrínsecas ao próprio leitor.

Nesse sentido, Martins afirma que “A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalização” (2006, p. 42). As experiências dos leitores ajudam, portanto, a compreender porque um dado texto lhes fala mais que outro. Ainda para a autora,

Sob o ponto de vista da cultura letrada, e a leitura sensorial parece menor, superficial pela sua própria natureza, a leitura emocional também tem seu teor de inferioridade: ela lida com os sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, subjetivismo. No terreno das emoções as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente. Não obstante, essa é a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer. E, mais uma contradição, é pouco revelada e muito menos valorizada (MARTINS, 2006, p. 49).

Ao passo que a leitura é para muitos um mecanismo de aprendizagem linguística, para outros é um mundo a ser explorado, bastando apenas o contato com a obra. Já o nível racional está atrelado ao grau de intelectualidade com que se lê um texto. Assim, “a leitura a esse nível intelectual enfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência anterioridade

dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e as vontades” (MARTINS, 2006, p. 64). Assim, um debate a respeito dessas questões é nosso objetivo primeiro, pois concordamos com Rouxel e Langlade (2013, p. 22), quando explicam que:

É preciso de fato examinar o papel da escola nessa tensão entre os direitos do texto e os direitos do leitor, o que leva a perguntar sobre o lugar, o estatuto e as formas que podem ter as experiências de leituras subjetivas das obras, do maternal à universidade, ao lado da necessária transmissão de conhecimentos sobre a literatura, sua história, seus códigos, seus rituais... Como conciliar, e articular, esses dois aspectos aparentemente antagônicos de uma mesma ambição didática: a liberdade necessária, mas por natureza dificilmente controlável, do leitor empírico, que é mais um leitor aprendiz, e o respeito forçado, mas também necessário, dos códigos hermenêuticos fixados pelas obras singulares da literatura no seu conjunto enquanto monumento da linguagem? As normas escolares coincidem necessariamente com os direitos do texto ou são de outra ordem? Como preservar e construir a liberdade na própria consciência dos limites dessa liberdade?

As concepções de leitor e leitura que temos hoje deixam a desejar no quesito subjetividade e afetividade. No entanto, essa subjetividade é um ponto central a ser discutido dentro do processo de recepção literária, pois é a partir disso que podemos entender como um leitor recebe o texto literário, quais modificações acontecem após a leitura de um texto e principalmente, quais relações ele consegue fazer a partir desse contato. Langlade (2013, p. 30) evidencia que:

A separação entre o leitor subjetivo e o leitor experto não são tão estanques quanto poderíamos supor, como já mostrou a proximidade entre *Madeleine* de Proust e as omeletes da “série Noire”. Pierre Bayard observa de modo muito acertado, seguindo Freud, que “todas as razões mais ou menos objetivas que nós poderíamos ser levados a fazer valer para justificar nossa apreciação – como a qualidade estética de tal traço formal – têm sobretudo uma função de mecanismo de defesa, com o objetivo de dissimular que somos sensíveis, em uma obra, primeiramente àquilo que nela nos diz respeito.

O texto literário tem uma especificidade singular que é sentida, uma vez que abrange um nível mais amplo do que os textos racionais, embora não se possa excluir a racionalidade dos textos literários. Jouve (2012) traz uma ressalva bastante pertinente a respeito do ensino de literatura, porque, para ele, o ensino dessa disciplina precisa ser urgentemente (re)avaliado, pois não há condições de tratá-la enquanto um objeto mensurável e objetivo. Não há possibilidade de igualar seu ensino ao das demais disciplinas. A literatura, por exprimir questões diversas, não pode ser tratada de forma superficial, como hoje a escola a trata.

Ao analisarmos as dissertações dos mestrands, verificamos que, apesar de haver a presença de uma herança que persiste em excluir a subjetividade concernente ao leitor – o que

contribui, em muitos momentos, para a falta de ressignificação do texto literário –, há um caminho peculiar: os mestrandos escolhem seus textos considerando seu grau de afetividade com a obra, o autor ou a teoria. Nas dissertações analisadas, percebemos que há um caminho percorrido junto àquela temática e sempre há uma forte influência: seja de um professor, de uma teoria, de uma visão de mundo ou de lembranças da infância.

Assim, em todos os textos lidos, verificamos que o mestrando traz uma carga muito grande de subjetividade, pois quase sempre faz ligações mais concretas da realidade. O mundo da literatura ganha vida a partir das comparações com o mundo concreto, fator esse que é bastante recorrente nos textos.

Nesse sentido, o leitor é o ser capaz de dar sentido à leitura, não é um mero coletor de dados que irá revitalizar o texto através dos espaços em branco que o autor define. Assim sendo, é claro como a Estética da Recepção formulou as ideias da crítica, ao pôr em evidência o leitor como parte integrante, privilegiando a relação autor-obra-público (ISER, 1979). Aqui, percebemos como o mundo imaginário é capaz de instigar a percepção do leitor. É exatamente por meio de seu imaginário e da afetação que ele tem o poder de revitalizar a obra e trazer para a leitura suas vivências diversas. Compagnon, valendo-se da teoria de Iser, a qual põe em evidência o valor do leitor, mostra que:

Para descrever o leitor, Iser recorre não à metáfora do caçador ou do detetive, mas à do viajante. A leitura, como expectativa e modificação da expectativa, pelos encontros imprevistos ao longo do caminho, parece-se com uma viagem através do texto. O leitor, diz Iser, tem um ponto de vista móvel, errante, sobre o texto. O texto nunca está todo simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças à sua memória, e estabelece um esquema de coerência cuja natureza e confiabilidade dependem de seu grau de atenção (COMPAGNON, 2010, p. 152).

A experiência da leitura, tal como exposta por Compagnon, nos faz compreender o que de fato está por trás da subjetividade, que em muitos momentos é subjugada. Um leitor leva suas experiências para a leitura e traz várias outras para outros leitores. Nas dissertações, por exemplo, encontramos leituras que talvez não imaginássemos. É nesse ponto que também observamos o compartilhar de leituras e a disseminação do texto literário. Quando um leitor traz a justificativa do seu texto, ele consegue tocar a comunidade acadêmica, de modo que aquele texto, autor ou teoria analisado ganhe atração, e é exatamente aqui que acontece a disseminação do texto literário. Alguns mestrandos, inclusive, se utilizam da justificativa de que certo autor é pouco conhecido e/ou desvalorizado.

Portanto, disseminar a leitura é fazer com que o leitor tenha gosto por aquilo que lê. Ao adentrar os textos dos mestrandos em Letras, verificamos que há uma leveza com o tratamento dado ao texto literário, pois a leitura das dissertações é bastante fluida, e a linguagem em muitos momentos é poética, carregada de figuras de linguagem, fazendo com que o próprio texto científico seja carregado de traços do texto literário, como vemos no exemplo a seguir:

Dedico este trabalho a minha tia-avó, Clarice Rodrigues Guimarães (in memoriam), taróloga, florista e amante fiel das Letras e da Filosofia. Sem as suas cartas, curiosamente observadas ainda em minha infância, não teria guardado as imagens que motivariam esta investigação. Aquelas mesmas intocáveis cartas de quase um século me auxiliariam no estudo dos arquétipos. Seus livros sobre Cabala não foram lidos, o tempo e a ignorância os tornaram inelegíveis, mas seus conteúdos se reinventariam em outros textos. Lembrei-me muito dela na segunda parte desta pesquisa. Não deixou filhos, apenas algumas poesias, uns livros carcomidos pelo tempo e uma caixinha pintada à mão contendo seus preciosos “trunfos do tarô”, um punhado de tesouros que costumam ser ignorados por não possuírem o toque frio do metal e a reluzência do ouro. O destino me conduziu solitária aos últimos cinco, ou dez, minutos de sua longa jornada, aprendendo ali as palavras certas da despedida. É certo que toda vida pode deixar sementes que um dia germinam, algumas das suas eclodiram, silenciosamente, em ideias, vertendo-se, por fim, em grandiosos frutos. Foram esses frutos que nutriram a minha insaciável curiosidade, o embrião faminto desta pesquisa (Leitor 10, 2016, p. 04).

Isso nos mostra que a leitura não se apresenta apenas como uma obrigação. Portanto, a leitura faz com que um indivíduo mergulhe no texto e experimente as experiências vivenciadas pelos personagens.

Assim, é necessário que exista uma tomada de consciência para o que chamamos de subjetividade literária. A contribuição do leitor para a disseminação da leitura é de suma importância, pois é a partir de sua experiência com o texto literário que ele pode suscitar o desejo em outrem. Mesmo que aqui não nos atenhamos aos benefícios da leitura, não se pode deixar de mencioná-los, visto que, como expõe Bloom (2001, p. 24), “lemos [...] porque, na vida real, não temos condições de ‘conhecer’ tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida”.

Candido (1988, p. 186) declara que “[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo que os organiza [...]”. Vemos, com isso, que a literatura se apresenta para a sociedade por meio de seus leitores e, apesar do pouco espaço na sociedade,

ela contribui para que a humanidade de cada leitor seja trabalhada. No entanto, isso não quer dizer que, ao ser leitor, a personalidade desse indivíduo é/será melhor. Barthes mostra que

ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é nomeá-los; mas, esses sentidos nomeados são levados em direção a outros nomes; os nomes mutuamente se atraem, unem-se, e seu agrupamento quer também ser no: meado: no-meio, re-nomeio: assim passa o texto: é uma nomeação em devenir, uma aproximação incansável, um trabalho metonímico (1992, p. 44).

Logo, por mais que o texto literário obedeça a um jogo, não podemos limitá-lo, pois o prazer estético está em um patamar para além de definições. Sendo assim, não há um conteúdo estabelecido, há infinitas interpretações, e o texto *Por que estudar literatura?* (2012), de Jouve, é de suma importância para angariarmos conhecimento acerca do processo de subjetividade, na medida em que as relações entre o leitor e o texto têm uma extensão bem maior do que imaginamos.

O leitor apresenta uma subjetividade, e ela precisa ser considerada no processo de leitura, uma vez que o ato em si representa uma capacidade inerente ao humano. Nesse sentido, ele carrega em suas interpretações traços que são constituidores do seu ser. A subjetividade está altamente relacionada à perspectiva individual de cada leitor, é construída dentro de uma comunidade, mesmo que de forma inconsciente. Aqui, podemos relacionar a subjetividade ao prazer estético, visto que o leitor, ainda que seja influenciado pelo meio para tomar uma decisão sobre o que ler, acaba, no final, optando por uma posição e seu gosto pessoal acaba influenciando suas escolhas.

Martins diz que “a resposta do leitor depende de inúmeros fatores presentes no ato de ler. Estando predisposto a entregar-se passivamente ao texto, tende a se deixar envolver pela ideologia ou ideologias nele expressas (explícitas ou não), daí sua vulnerabilidade” (2006, p. 60). O leitor carrega consigo várias experiências e, quando se debruça sobre o texto, não as exclui, levando-as para o contexto da leitura e se utilizando delas para compor sua avaliação. Um exemplo simples disso é que a leitura é encaminhada, em muitos momentos, a partir do humor do leitor: caso esteja enraivecido, dificilmente irá conseguir apreender informações que lhe façam bem.

Todo leitor carrega consigo uma história de leitura e de vida. Quando se debruça sobre um livro, dificilmente estará diante de uma leitura tão racionalizada a ponto de descartar as emoções, pois, a partir do momento em que se introduz em um mundo literário, é convidado a demonstrar sua afetação.

Barthes (2008) considera o processo de leitura levando em conta, sobretudo, as características apresentadas pelo próprio texto. Mostra-nos que o leitor, quando se entrega ao prazer, é tido como um contra-herói, uma vez que o prazer da leitura vem de certas rupturas (colisões), nas quais códigos antipáticos entram em contato. Além disso, o ritmo daquilo que se lê e do que não se lê influencia na produção do prazer.

Maria Thereza Fraga Rocco pontua que “o professor que não lê nunca terá a memória povoada pelas ricas e inesquecíveis imagens fornecidas pelas diferentes formas dos textos de arte, principalmente pelos textos literários” (1999, p. 113). Essas influências são extremamente importantes para a disseminação e revitalização da literatura.

Barthes (2008) faz a distinção entre o texto de prazer e o texto de fruição, considerando o primeiro como aquele que contenta, dá euforia, vem da cultura, não rompe com ela e está ligado a uma prática confortável da leitura; já o segundo, por seu turno, é considerado como aquele que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, assim como a consistência de seus valores e suas lembranças, e faz entrar em crise sua relação com a linguagem. Ou seja, o texto de prazer é aquele que segue uma tradição e considera o horizonte de expectativas que um leitor possui, ao contrário do texto de fruição, o qual rompe com esse horizonte, isto é, ignora o conjunto de experiências tanto literárias quanto sociais que o leitor traz consigo.

Todavia, consideramos que a questão da subjetividade é como uma porta de entrada e saída para o texto literário na vida dos leitores. Por meio da subjetividade, o texto ganha um sentido diferente para cada leitor, principalmente no ambiente acadêmico, onde as práticas de leitura são acompanhadas de críticas e análises. No entanto, não estamos descartando o caráter mais racional com que o leitor se debruça sobre um livro. A justiça, por exemplo, se utiliza do texto literário para fazer comparações em certos julgamentos judiciais. As expectativas sobre o texto literário são racionais. Segundo Rouxel, “a coletânea de autobiografias de leitores mostrou que a subjetividade é essencial para a leitura. A subjetividade dá sentido à leitura” (2013, p. 82). Essa identificação é extremamente necessária, pois ela remete ao íntimo dos leitores, os põe em um lugar tranquilo, não cria uma repulsa e, obviamente, faz com que eles se aproximem mais dos textos.

Assim, “acrescentaremos, enfim, que encarar a leitura como lugar de uma elaboração identitária, e, portanto, como uma interação, parece-nos particularmente útil em se tratando de didáticas de leitura literária” (MAZAURIC, 2013, p. 92). Essa perspectiva é bastante relevante,

pois a prática desse exercício faz com que os mestrandos leitores percebam seu trabalho de análise literária um pouco mais “materializado”, podendo haver um compartilhamento desses dados, sem desconsiderar a afetação do leitor. O que ele sente, do que se lembra, como ele sente e outras questões mais introspectivas são, em sua grande maioria, descartadas. Isso também está atrelado ao ambiente em que essa leitura é realizada, como mostra Martins (2006, p. 66):

Importa, pois, a leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo e dinâmico. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se então um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado.

Jouve (2012) fala das emoções e de como elas podem influenciar ou não na leitura de um texto literário. Para ele, nem todo texto de literatura emociona, pois isso dependerá de uma questão cognitiva, uma vez que “a emoção é um índice que nos permite entender como a obra significa” (Idem, p. 99). Sendo assim, há textos que são, em sua essência, emocionais, mas não são classificados como literários. Essa questão dependerá muito mais do leitor do que de qualquer outro aspecto. As formalidades acadêmicas podem excluir a essência de um trabalho com textos literários, pois o mestrando, de certa forma, se sente preso a alguns padrões que circundam a universidade. No entanto, é válido ressaltar que o leitor, por maior que seja o nível de racionalidade de determinado texto, seja ele literário ou não aplica sobre ele sua subjetividade.

2 INTERESSES E CRITÉRIOS

*Depois de tantos combates
o anjo bom matou o anjo mau
e jogou seu corpo no rio.*

*As águas ficaram tintas
de um sangue que não descorava
e os peixes todos morreram.*

*Mas uma luz que ninguém soube
dizer de onde tinha vindo
apareceu para clarear o mundo,
e outro anjo pensou a ferida
do anjo batalhador.*

(Carlos Drummond de Andrade)

2.1 Do Programa de Pós-Graduação em Letras

Entendemos que alguns dados pertinentes ao Programa de Pós-Graduação em Letras são relevantes, pois estamos analisando dissertações vinculadas a esse programa. Assim, temos uma visão mais ampla do lugar em que essas pesquisas estão inseridas e de quais tópicos, considerando essas linhas, estão norteando os trabalhos relacionados à área de Literatura.

Em março de 2007, o CONEPE, por meio da Resolução nº 17, aprovou a criação do Núcleo de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, que é o único no estado. Em sua estrutura curricular inicial, existiam duas linhas de pesquisa: Teorias do Texto e Língua, Cultura e Identidade. As disciplinas que faziam parte do currículo da linha Teorias do Texto eram: Estudos em Análise do Discurso, Linguística Textual, Semiótica do Texto, Texto nas Linguagens Digitais, Tópicos em Análise Crítica do Discurso: a Corrente Social, Gêneros Textuais, Usos e Aplicação, Epistemologia e Ciências da Linguagem, Texto e Enunciação, Linguagens e Mídia, Introdução à Pragmática, Pragmática Illocucional, Léxico e Significação, Estudo da Relação entre o Oral e o Escrito no Ensino de Língua, Estudos Sociolinguísticos, Domínio do Léxico e Produção Textual. E as que faziam parte da linha de pesquisa Língua, Cultura, Identidade e Ensino eram: Usos da Linguagem e Ensino, Estratégias Retóricas, Historiografia Crítica da Linguística, Identidade Cultural, Estudos Culturais, Memória, História e Literatura, Tópicos em Estudo da Linguagem e Ensino, Discurso Literário

e Discurso Psicanalítico, Imaginário Sociocultural pela Literatura, Identidade Cultural no Ensino da Língua Portuguesa, História dos Cânones Escolares e História do Ensino das Línguas. A partir desse elenco de disciplinas, é fácil notar que elas tinham um viés muito mais voltado para os Estudos Linguísticos, sendo que as disciplinas propriamente para essa área estavam mais no patamar do ensino da disciplina de Literatura, excluindo, assim, toda a amplitude por meio da qual se materializa a Literatura.

Não havia uma área voltada para a Literatura, o que só se deu a partir de novembro de 2011, por meio da Resolução nº 104, na qual o CONEPE aprovou a alteração do nome Núcleo de Pós-Graduação em Letras para Programa de Pós-Graduação em Letras, bem como a inclusão da área de concentração Estudos Literários. Notamos, com isso, que, em sua concepção primeira, tínhamos uma matriz que não valorizava os conteúdos e as discussões literárias. Somente após cinco anos de criação do núcleo, houve uma separação e independência, contribuindo, assim, para a autonomia dos estudos literários.

Até abril de 2017, o programa contava com 187 dissertações defendidas. Há duas grandes áreas de concentração: Estudos Literários, com as linhas de Literatura e Cultura, Literatura e Recepção e os Estudos Linguísticos, com as linhas de Linguagem e Descrição, leitura e escrita da Língua Portuguesa. Na área dos Estudos Literários, propriamente ditos, temos 50 dissertações defendidas, são dados bastante discrepantes se formos comparar as duas áreas de concentração, mas vemos que o déficit do número de dissertações defendidas dentro da área de concentração dos Estudos Literários, vem desde o início do programa.

Atualmente, o corpo docente é formado por um total de 24 professores, sendo que uma professora é lotada na condição de visitante. Dos 24 professores, 14 estão engajados na área dos estudos linguísticos e 9 nos estudos literários.

As temáticas de pesquisa dos professores da área de Literatura estão relacionadas a memorialismo, representação social, Alina Paim (romancista sergipana), história popular do Nordeste, literatura comparada, estudos da recepção (abordagem intertextual e antropológica da violência contra a mulher), estudos épicos, bem como a presença da comicidade na literatura brasileira, relações entre filosofia e literatura, literatura colonial, imperialismo, leitura, literatura portuguesa e identidade, literatura brasileira contemporânea, duplo e teorias do leitor e leitura.

Os professores desenvolvem trabalhos de pesquisa e geralmente estruturam grupos de acordo com suas linhas de estudo. Seus trabalhos são motivados, em sua grande maioria, pelas temáticas elencadas acima. Esse ponto é bastante relevante, pois estamos tratando, aqui,

principalmente, de influências, interesses e perspectivas a partir de um dado leitor. Nesse sentido, verificamos que existem alguns fatores que influenciam as escolhas dos mestrands ao optar por um autor, uma teoria ou uma obra. Há, portanto, diversificadas justificativas.

2.2 Autores Sergipanos

O ponto que nos chamou bastante atenção, inicialmente, está calcado na valorização da literatura sergipana. Os textos traduzem o gosto peculiar dos mestrands em demonstrar seus interesses por textos e/ou autores que, até então, estavam no anonimato sobretudo na própria região de origem. A seguir, temos um trecho de dissertação que teve como objeto de pesquisa um autor sergipano:

A escolha pela produção de Alina Paim obedece a duas questões fundamentais: a primeira delas refere-se ao fato de essa romancista ser uma autora sergipana, portanto, faz parte da produção que constitui preferencialmente o nosso objeto de interesse. Tal preocupação se deve ao fato de considerarmos, que grande parte da produção de textos de sergipanos é esquecida por seus conterrâneos e pela crítica nacional. O segundo e o mais pertinente motivo da escolha pela obra de Paim, que engloba o estudo do mito já citado, deve-se às qualidades temáticas e estilísticas de seus textos à espera de merecido reconhecimento e da construção de uma fortuna crítica sobre sua obra, que vem sendo elaborada pela professora Ana Leal Cardoso, que desde 2006 tem dedicado ao resgate das obras daquela escritora (Leitor 28, 2014, p. 14).

O trecho acima destaca algumas obras de Alina Paim, autora sergipana, nascida na cidade de Estância, romancista, com ênfase na área da literatura infantil e juvenil e professora. Ela tem sido foco de análise de alguns mestrands. Na Universidade Federal de Sergipe, há um grupo de pesquisa que se dedica à autora e toda sua obra, o Gelic (Grupo de Estudos de Literatura e Cultura), coordenado pela professora Ana Leal Cardoso e pelo professor Carlos Magno Santos Gomes. Segundo Luciana Novais Maciel, em “As personagens femininas de Alina Paim: do lar à militância” (2012), o Grupo desenvolve pesquisas a respeito do Imaginário sociocultural na literatura, tendo como objetivo primeiro o resgate de obras sergipanas. Há um interesse, no sentido dos estudos culturais, de se fazer uma investigação detalhada sobre as preocupações representadas nos romances de Alina Paim.

A partir da leitura do excerto, verificamos que o gosto pessoal é totalmente motivado pela pesquisa de cunho local. O próprio mestrando deixa claro que a escritora sergipana tem

um legado que não é valorizado. No entanto, nos questionamos a respeito dessa postura, pois verificamos que há uma exclusão de pesquisas dentro do grupo, o que é visualizado em face das diversas dissertações produzidas no PPGL, pois há um grande número de estudos relacionados apenas à escritora Alina Paim. Logo, embora o grupo de pesquisa esteja voltado para os estudos em literatura e cultura, em sua grande maioria, se reduz ao estudo de apenas uma autora. Nesse sentido, consideramos que os gostos são definidos, também, a partir das relações que o indivíduo leitor mantém ao longo de sua trajetória de leitura.

Notamos também que o leitor 28 enfatiza dois critérios que o motivaram a escolher a obra da autora citada. Aqui, temos duas questões. A primeira se relaciona à vivência do leitor no meio acadêmico, pois ele é engajado num grupo de pesquisa, e a segunda está relacionada ao gosto pessoal do leitor. De uma maneira ou de outra, há sempre uma tendência do leitor em optar por textos e autores nos quais as questões que lhe interessam possam ser exploradas. A partir disso, começam a tecer seu texto sob a perspectiva de suas experiências, como ilustramos a seguir:

Tendo em mente a ideia de que se a atitude simbolizadora é constitutiva do ser humano, e, portanto, está presente na arte, este trabalho buscou desenvolver uma análise mítico-simbólica na literatura infantil de Alina Paim. As obras elencadas para esse estudo foram *O laço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), e *Luzbela vestida de cigana* (1963) por seguirem uma lógica narrativa similar, na qual os personagens, o espaço e o eixo temático não se alteram, apenas se complementam. (Leitor 36, 2012, p. 10).

Os mestrados vinculados a esse grupo deixam claro que suas escolhas estão intimamente relacionadas ao estado de origem da escritora. Porém, é válido ressaltar que a autora citada não é a única escritora sergipana.

Embora assumir as emoções no trato com o texto literário seja um caminho um tanto desafiador, percebemos que há justificativas claras. Não é apenas um *corpus* a ser analisado, há, também, uma representação importante para o mestrando, porém sabemos que há uma limitação que costuma separar o objeto pesquisado de seu pesquisador. Essa limitação deve ocorrer para que as pesquisas não sejam apenas relatos de casos vividos por seus pesquisadores. Outro exemplo é o que trazemos na sequência:

Os fatores que nos levaram a selecionar tal objeto de pesquisa, por sua vez, estão relacionados ao desejo de não só rever o lugar de Tobias Barreto, que se projeta para além do campo literário, mas também de ampliar as possibilidades de recepção de sua obra, já que essa foi classificada como uma obra “menor”, sem muitas vezes

considerarem as condições de produção de seus poemas. Nesse contexto, notamos a relevância de se estudar uma obra cujo autor expõe facetas conflitantes que fogem das classificações tradicionais, como tantas vezes lhe foram impostas como escritor romântico, entre outras. Torna-se necessário ressaltar que durante o processo de desenvolvimento desta dissertação encontramos vários desafios (Leitor 10, 2016, p. 11).

A escrita do mestrando é justificada através da valorização que se quer dar ao trabalho e ao legado de Tobias Barreto. Contudo, conseguimos detectar que há, sobretudo, uma atração pela escrita do autor. Esse critério pode estar relacionado à origem de Tobias Barreto, haja vista que, por ser sergipano e por ter uma representação significativa dentro da literatura, se justificaria estudá-lo, mesmo que esses fatores não sejam levados em consideração, em muitos momentos, pela crítica literária. A subjetividade reside justamente nesses pontos peculiares em que o leitor observa que sua leitura pode ser um ponto de partida para a ascensão de uma obra, cujo autor não é tão valorizado. Assim, verificamos o quanto a figura do leitor autoriza e desautoriza a disseminação de intrínseco, a leitura que se faz a partir da vivência de mundo de cada leitor.

Ao avançarmos no texto do Leitor 10, percebemos que sua motivação se mantém, como notamos em inserções do tipo “[...] esse escritor foi um homem atuante e preocupado com a modernização do Brasil. No gênero ensaístico, Tobias Barreto mostra-se um intelectual preocupado com a educação das mulheres e com o questionamento dos rumos da política brasileira” (2016, p. 33) são facilmente encontradas. Nesse sentido, embora não tenha acontecido nas demais dissertações, achamos por bem ler essa por completo para podermos ter uma posição mais concreta. Assim, verificamos que a ideia inicial do leitor foi sustentada em toda a sua escrita. O que se comprova aqui é a fidelidade aos objetivos apresentados no início da dissertação. É interessante destacar tal feito, porque, apesar de o texto ter um caráter acadêmico, que de certa forma limita a leitura do autor, não desconsidera o subjetivismo, uma vez que o mestrando deixa explícitos os seus critérios.

Esse aspecto também é interessante para as novas abordagens literárias, porque conseguimos verificar que há um leitor que revitaliza os textos e, principalmente, valoriza a literatura do seu tempo, como o Leitor 45, mais um exemplo de mestrando que teve como escolha outro autor sergipano: “Escolhemos como objeto de estudo as obras de Antônio Carlos Viana porque suas narrativas realizam um bom diálogo com o espaço social ao darem visibilidade a seres marginalizados, e excluídos pela sociedade patriarcal e capitalista” (2011, p. 10).

Percebemos que o Leitor 45 abre um debate amplo que vem sendo construído pela sociedade como um todo. Além de analisar o texto da literatura local, deixa claro o seu interesse também em estudar textos que dialogam com a sociedade atual. O mestrando em Letras da UFS carrega a característica de ser esse leitor que traz discussões de cunho político-social a partir das obras literárias. O autor do texto literário estudado pelo Leitor 45, Antônio Carlos Viana, nasceu em Aracaju, Sergipe, foi Mestre em teoria literária pela PUC-RS e Doutor em literatura comparada pela Universidade de Nice, França, tendo lecionado na Universidade Federal de Sergipe.

A esse respeito, temos, abaixo, mais um trecho retirado de dissertação, cuja pesquisa versou sobre a obra de Francisco Dantas:

Obstante a uma evidente motivação pessoal, a escolha das obras *Coivara da memória*, *Cartilha do silêncio* e *Sob o peso das sombras* – e não de outras da autoria de Dantas – motivou este trabalho acadêmico porque a satisfação da linguagem e da narrativa fragmentada colocam em cena narradores e personagens tomados pelo processo de rememoração e envolvidos num círculo presente-passado, no qual as narrativas se desenvolvem sem que, com isso, a palavra vulgarize (Leitor 50, 2010, p. 16).

Francisco Dantas nasceu no município de Riachão do Dantas, interior de Sergipe. cursou Letras-Português na Universidade Federal de Sergipe e, posteriormente, trabalhou como professor nessa instituição de ensino. Acima, temos um trecho de uma dissertação que ressalta a motivação pessoal em trabalhar com a obra do escritor sergipano.

Notamos, diante do exposto, que a Universidade Federal de Sergipe dá suporte para que pesquisas que têm como foco os próprios autores sergipanos e suas obras sejam realizadas, com a finalidade, talvez, de disseminar os textos locais e também a cultura local. Os incentivos por parte da academia vêm através de pesquisas e disposição de espaços físicos. Além disso, preserva-se a memória de autores sergipanos, que não estão mais entre nós, mas que deixaram um legado importante para a literatura e que, apesar disso, não têm a valorização social que merecem, muito embora outros ainda vivos sejam também estudados.

2.3 Questões sociais

Outra constatação feita a partir da análise dos textos é a de que eles são escolhidos por influência das temáticas socioculturais. Os debates levantados nas dissertações servem-nos de alerta, de reflexão e, sobretudo, de reconhecimento, uma vez que enfatizam a riqueza da

literatura, retirando o estigma de que o texto literário é apenas um gênero textual, do qual nada se extrai:

Caminhos inesperados nos permitem investir no desconhecido, caminhar em meio ao escuro, abandonar o planejado e se aventurar no novo. Os clássicos infalíveis não me valeram e pareceram tão exauridos que, em pouco ou nada, poderiam contribuir. Buscando uma obra que estivesse inserida no contexto das lutas sociais, deparei-me com *A hora próxima*, e assim foi o encontro com Alina Paim-escritora conterrânea, cuja obra eu desconhecia. O desafio muitas vezes parecia intransponível. Foi mergulhando na história de vida da escritora que pude compreender seu compromisso com a arte e com as lutas sociais, articulando militância política e literatura engajada, que fazem de suas obras oportunidades de se abrir o debate sobre o sistema patriarcal que se sustenta na exploração e subordinação da mulher (Leitor 16, 2016, p. 09).

A menção que se faz à literatura engajada nos induz a perceber que o mestrando lê o texto literário relacionando-o ao campo da realidade. Com isso, não é um mero reproduzidor de texto, mas um leitor que consegue interpretar a literatura e conectá-la ao mundo contemporâneo.

Talvez a motivação dos mestrandos em analisar textos desse tipo esteja relacionada a uma herança que os estudos culturais deixaram.

Esse texto nos esclarece como os Estudos Culturais se inserem dentro da literatura, como um aspecto plausível para a discussão concernente à reflexão social propícia para uma proposta de crítica cultural, reconhecendo, assim, a arte como prática social. Nesse sentido, o crítico literário consegue se posicionar e analisar grupos ideologicamente excluídos, como se propõe o Leitor 49:

Nesse sentido, essa dissertação apresenta e discute processos de leitura através dos quais se observam relevantes indicativos sociais, enfatizando para tal a leitura literária que, mediante uma construção de linguagem que lhe permite transpor os limites de tempo e espaço, projeta-se para novas gerações, angariando assim novas leituras e diferentes atribuições de significado. Neste trabalho, a associação entre arte, sociedade e leitura se desenvolve mediante análise de um romance do realismo português – *primo Basílio*, publicado em 1878 – pois tal obra se constitui embasada em processos de leitura de mundo realizada pelo autor Eça de Queirós e que mais tarde é materializada esteticamente sob a forma de romance, como também através da composição de personagens masculinas e femininas que se permitem ser lidas através da maneira como leem dentro da trama (2010, p. 01) Um ponto importante destacado nesta dissertação diz respeito ao poder da leitura, especialmente a literária. Tanto ela pode realçar discursos já cristalizados, como também pô-los em discussão, estimulando a reflexão e o olhar crítico. A literatura dialoga com questões sócio-culturais, pois tem a capacidade de simular universos humanos e interferir nos modos de ser e pensar do indivíduo (Leitor 49, 2010, p. 104).

O leitor utiliza-se da construção literária de *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, para vincular à sua leitura de mundo. Em virtude disso, faz menção ao mundo real e atribui à literatura um conceito que nem sempre é concebido pelas abordagens crítico-literárias. Nesse sentido, constrói seu texto considerando sua visão de mundo e, sobretudo, sua influência oriunda da leitura que faz do romance. Vejamos outro exemplo:

A pesquisa pretende acender a chama da memória dos oprimidos, referente a todos os injustiçados do passado, quer sejam crianças, homens ou mulheres, que tiveram o espírito torturado ou foram mortos pelas instituições religiosas da Europa e da América, por força de seus discursos e alegorias terrivelmente diabólicas, marcados pela colonização exploratória não só do espaço, mas também do espírito.

A contribuição desta pesquisa, tomando *Grande sertão: Veredas* como objeto referencial de estudo, reside justamente em analisar, interpretar, explicar e compreender a visão de mundo do sertão em face dos vestígios ritualizados por imagens sobrenaturais sobre o Demônio, que sempre foram uma obsessão não só da imaginação popular, mas também do interesse de estudiosos e artistas. Enfim, sua relevância consistirá, em termos acadêmicos, na sua disponibilização para os estudantes das várias áreas das ciências humanas, interessados nos fenômenos que envolvem a sociedade rural sertaneja (Leitor 43, 2011, p. 09).

O mestrando demonstra que o texto foi escolhido para entender como a população era reprimida e como a religião tratava aqueles que não se adequavam aos preceitos estabelecidos pela igreja e, ainda, como isso afetava a visão de espiritualidade daquele povo. Assim, são trazidas, por meio do texto, representações de violências sociais. A partir desse exemplo, temos uma visão mais concreta da perspectiva individual do leitor a respeito do texto literário. É nesse momento que ele não consegue separar vida real de ficção, uma vez que é tomado pela subjetividade ao se deparar com a cena apresentada pelo texto literário, haja vista que faz referências e traz memórias para a análise literária.

Através da sua escrita, verificamos que o mestrando deixa explícito em seu texto que a nossa sociedade e a nossa vida são constituídas de violências, as quais vamos colecionando, e, quando a literatura as apresenta, os sentimentos e as emoções afloram, como mostra Ana Maria Machado, em *Silenciosa algazarra*, “na leitura de literatura se estabelece um pacto inconsciente entre o texto e o leitor, em que este é levado a suspender sua descrença e a embarcar num mundo de outro tipo, numa outra dimensão, que não é a sua realidade cotidiana [...]” (2011, p. 20). Por mais que a subjetividade esteja clara, sabemos que há um limite também muito claro acerca do que se é permitido analisar diante da academia.

Nesse sentido, as entrelinhas do texto nos dão muitas possibilidades, mas é necessário compreender que existe essa limitação, principalmente porque estamos diante de um objeto de

pesquisa e não de um texto apenas para o deleite. Abaixo segue outro exemplo, cuja leitura está calcada na particularidade do texto literário enquanto suporte de análise de uma sociedade:

O interesse pela obra surge durante as aulas da disciplina História, Literatura e Memória, ministrada pela professora Jeane de Cássia Nascimento Santos, no curso do mestrado. As considerações feitas à literatura africana despertaram o interesse de ler a obra do moçambicano Mia Couto, consequentemente, o gosto por sua escrita. De modo que, durante esse tempo de estudo, amadurecemos as impressões, investigamos as críticas em torno da obra, desenvolvemos alguns artigos, participamos de alguns eventos, para assim desenvolver e apresentar neste trabalho. Descortinada então a temática, vêm a lume os seguintes questionamentos: como a história de um país, marcado por experiências antagônicas e anestesiado por guerras, violências e deslocamento, pode intervir na forma deste fazer literário? De que forma Mia Couto traduz, na tessitura em análise, a busca da afirmação e reestruturação política e sociocultural por meio da memória? À cata de respostas a esses questionamentos, apreciamos algumas considerações feitas à literatura africana de língua portuguesa, mais precisamente, à moçambicana, com intuito de auferir conhecimento sobre o escritor Mia Couto e, posteriormente, da obra escolhida para análise, para que com clareza e precisão se estabeleçam as conexões entre literatura, história e memória (Leitor 08, 2016, p. 11).

As motivações, segundo o mestrando, estão baseadas na escrita e no diálogo com uma sociedade que o texto estabelece. Ao adentrar o texto do mestrando, verificamos que, apesar de destacar a escrita do autor, ele está muito mais interessado em como o texto apresenta determinada comunidade. Essa característica está vinculada aos anseios que o indivíduo tem a partir das injustiças sociais, e é nesse sentido que a literatura dialoga com a vida real.

Como a dinâmica da escrita ganhou uma nova característica (com a ascensão da liberdade de expressão), percebemos que é nesse ponto que as temáticas sociais são consideradas pelos mestrandos. Isso também pode se relacionar à nossa sociedade contemporânea, pois muitos debates de cunho sociológico são promovidos de forma mais corriqueira. A liberdade de expressão também é um fato que pode influenciar esse leitor, que faz da literatura a representação de uma sociedade. Esse fator está altamente relacionado à forma com que vemos a sociedade e julgamos certas posições sociais, como apresenta Candido:

Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas (2006, p. 28).

Diante disso, podemos considerar que as escolhas são justificadas quase que sumariamente pela importância literária que os escritores têm e através de um debate de cunho social que é envolvido pelo texto. Giorgio Agamben, em *O que é o contemporâneo* (2009), abre uma discussão sobre o que vem a ser contemporâneo e sobre quem somos dentro dessa contemporaneidade. Assim, vários conceitos são discutidos para se chegar à concepção desse termo, que é definido como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Idem, p. 56). Complementando o significado, o estudioso diz que:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Verifica-se que, para esse autor, o tempo e o modo de nos relacionarmos com ele são decisivos para saber/entender em que lugar estamos. A complexidade nessa forma de ver o contemporâneo não está justamente no pertencimento, de forma empírica, na sociedade atual, mas na forma de analisar o mundo, a partir de uma visão mais centrada no contexto. Não pertencemos a lugar/tempo algum. Somos frutos da relatividade. Nesse contexto, os textos analisados pelos mestrandos em sua grande maioria pertencem ao seu tempo, e isso mostra que a literatura que dialoga com o momento em que estão vivendo é valorizada. O leitor carrega suas experiências de mundo, suas perspectivas de vida e adentra o texto literário, contribuindo, assim, para a disseminação do texto com um caráter mais social.

Talvez isso seja motivado pelo fato de vivermos em uma sociedade que, de certa forma, nos dá possibilidades de discutir várias temáticas socioculturais. Um exemplo claro disso são as redes sociais e outros veículos de comunicação, os quais abrem as portas para que outras vozes sejam ouvidas/lidas e possam propagar seus pontos de vista, conforme expõe Iser: “O texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim a interpretá-lo” (1979, p. 107). Sendo assim, ao nos depararmos com textos, principalmente literários, pressupomos que há um mundo a ser explorado.

2.4 O grupo de pesquisa

Há justificativas explicitamente voltadas para os grupos de pesquisa, em que os mestrandos deixam clara a influência que é exercida para que a motivação por um objetivo e não por outro seja despertada. Eis um exemplo:

A oportunidade surgiu com a participação em um projeto de pesquisa de iniciação científica, que também foi desenvolvido com o apoio do CNPq. O objetivo foi estudar a questão do mal em *A menina morta* e na *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. De modo que, durante esse tempo de estudos, amadurecemos as impressões sobre o romance de Cornélio e o gosto pela sua escrita. Investigando a crítica em torno da obra, debatendo no grupo de pesquisa, produzindo artigos e participando de eventos, fomos nos aprofundando e percebendo as diversas possibilidades de análises. Após esses anos de preparo, dentre outras incursões, o passo adiante é o mestrado. Dentro das diversas possibilidades de análise e leituras já empreendidas, percebemos que já havia margem para trabalharmos uma ligação entre os possíveis traços barrocos do autor, juntamente com a questão dos labirintos e o medo premente das personagens. E assim, o resultado será desenvolvido e apresentado neste trabalho (Leitor 33, 2013, p. 18).

Ao analisarmos o excerto, verificamos que o grupo exerceu fortes influências na escolha do Leitor 33. Quando há esse tipo de vinculação, existe certa facilidade em compreender todo apanhado crítico que circunda o texto. Além disso, o contato de forma intensa com a obra e/ou o autor, bem como a exposição a outras leituras de outros integrantes, contribuem para uma maior apreensão do texto literário e suas nuances.

É válido ressaltar que esse professor/pesquisador tem o poder de disseminar o texto literário a partir de sua própria leitura, uma vez que o professor, em muitos momentos, transpõe suas emoções e afetividades para a disseminação do texto. Outro ponto relevante é que as escolhas são motivadas por mais de um fator, como no exemplo a seguir:

A partir da reflexão e questionamentos a respeito da importância da temática “a família” (grifo nosso) para a arte literária, o presente estudo busca contribuir com as pesquisas já realizadas sobre o tema intrínsecas à obra literária, especificamente, na obra infantil de Alina Paim e Monteiro Lobato (2015, p. 09). Este trabalho pretende ampliar também os estudos e as pesquisas já realizadas pelo grupo de Estudos de Literatura e Cultura – Gelic, através do projeto “Alina Paim: resgate de uma autora sergipana”, coordenado pela professora Dr^a Ana Marial Leal Cardoso (UFS), que desde 2006 realiza pesquisas sobre a vida e a obra da autora. Neste contexto, destacamos sobre a literatura infantil da autora a partir dos trabalhos do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UFS), encetados em 2009, que destacam a densidade metafórica da linguagem encontrada nos textos *corpus* desta pesquisa, além da grande riqueza mitológica nelas contidas (Leitor 22, 2015, p. 11).

Ao mencionar que o trabalho tem como objetivo fazer a ampliação de uma pesquisa que se iniciou na graduação e permitir que ela se estenda, isso se coloca, no contexto, de suma importância, pois verificamos que as escolhas do Leitor 22 continuaram sendo as mesmas, embora passando por momentos diferentes de sua vida. Assim, percebemos que a subjetividade presente em cada indivíduo é manifestada, em muitos momentos, por influências externas. Por conseguinte, podemos pensar que a escolha do mestrando teve muito mais influência do orientador do que uma escolha individual. Vejamos mais um exemplo:

Isto posto, é necessário destacar que nossa proposta de estudo é analisar a presença e algumas representações do suicídio no conto contemporâneo, valendo-se, quando possível, de determinadas concepções acerca da pós-modernidade, afinal nem tudo que é contemporâneo é pós-moderno. Além desse objetivo geral, há pontos mais específicos que tratam do suicídio como um elemento estético-crítico capaz de dinamizar a relação estabelecida entre esse signo e o mundo por meio da literatura. Nessa esteira de debate, estudamos o suicídio/suicida como um fenômeno social relacionado à ritualização, à espetacularização e ao estranhamento do ato, bem como ao destratamento do corpo e às aberturas para reflexão sobre o presente. (2015, p. 10). A escolha do gênero se justifica pela quantidade e qualidade de escritores contistas no período, significando também que há mais leitores para esse mercado, sem descartar, dentro disso, o gosto pessoal (2015, p. 12). A pretensão de estudar as representações do suicídio no conto contemporâneo brasileiro nasceu, de certa forma, de um engajamento pessoal por conta da experiência no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), bem como da participação em grupo de pesquisa atuando na linha de estudos sobre a memória cultural e o mal na literatura, sob orientação da professora Josalva Fabiana dos Santos (Leitor 19, 2015, p. 15).

Os indícios de subjetividade perpassam todo o texto do Leitor 19. Ao construir sua dissertação, deixou claro que a vinculação ao grupo de pesquisa, bem como os seus interesses pessoais, foram decisórios na escolha de seu objeto de pesquisa. Nesse sentido, consideramos que a subjetividade é um processo construído diariamente pelo leitor.

Tendo em mente a ideia de que a atitude simbolizadora é constitutiva do ser humano, e, portanto, está presente na arte, este trabalho buscou desenvolver uma análise mítico-simbólica na literatura infantil de Alina Paim. As obras elencadas para esse estudo foram *O laço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), e *Luzbela vestida de cigana* (1963) por seguirem uma lógica narrativa similar, na qual os personagens, o espaço e o eixo temático não se alteram, apenas se complementam. A escolha por se trabalhar tais obras é fruto dos trabalhos de iniciação científica (Pibic/UFS), vinculada à pesquisa de resgate que vem sendo desenvolvida pela Dra. Ana Maria Leal Cardoso, desde 2006, sobre a vida e obra dessa autora (2012, p. 09). Analisar as obras aqui elencadas se intensificou quando percebemos que quase nada foi estudado sobre elas, ou seja, contam com pouca referência bibliográfica, de modo que esse estudo contribui, significativamente, para a construção da fortuna crítica de Alina Paim (Leitor 36, 2012, p. 10).

O mestrando deixa evidente que o grupo de pesquisa influenciou sobremaneira sua escolha. Ainda na linha da influência, o intuito é fazer com que através da pesquisa a autora sergipana ganhe respaldo. Nesse sentido, é interessante notarmos que alguns fatores externos acabam determinando a condução de leitura de cada leitor.

É válido ressaltar que todo leitor possui subjetividade em potencial, é, pois, uma subjetividade. Porém, somente aqueles que se deixam levar pelo imaginário da leitura conseguem ultrapassar as barreiras e sentir, literalmente, o texto. Além disso, o leitor tem grande potencial de disseminação do texto literário. Alguns teóricos mostram que somente poderemos compreender a obra se compreendermos as questões formais que estão contidas nela. É através desse caminho que podemos destrinchar a semântica de um texto.

2.5 Literatura e Memória

Além dos tópicos já destacados, ainda temos as dissertações em que seus autores as analisam sob a influência da memória.

Embora os textos se adequem, em sua grande maioria, a análises semânticas, em que os aspectos estéticos ficam relegados a um segundo plano, ainda há uma conservação de dissertações que percorrem um caminho mais voltado para a forma da obra e toda sua conjuntura. No entanto, verificamos que o texto sempre está vinculado a fatos da vida do mestrando e/ou lembranças com as quais consegue realizar relações com o texto. O exemplo a seguir ilustra esse aspecto:

Quando escolhi o sertão por objeto de pesquisa tinha cristalizada em mim a ideia de um sertão romântico, estático em seus estereótipos. O sertão que minha memória registrava em paisagens congeladas era semelhante a instantâneos que os apaixonados recolhem das gavetas no momento da saudade. Nas aulas da disciplina Memória, História e Literatura e nas reflexões com o professor Antônio Sá percebi que o sertão que eu tentava resgatar já não existia, que assim como sua filha que envelheceu e se transformou, ele também se metamorfoseara em outro. É este sertão que busco retratar aqui (Leitor 34, 2013, p. 11).

As memórias da infância vêm à tona a partir do estudo da literatura, mais precisamente do texto literário. Além disso, a forte influência da figura do professor também aguça essa sensibilidade. Nesse sentido, a subjetividade, o eu, a visão de mundo, as experiências são fatores de grande influência no desenvolvimento da dissertação, cujo excerto está citado acima. Assim,

verificamos que, mesmo que tentemos excluir a subjetividade que é inerente ao leitor, ela sempre se fará presente, uma vez que ele é um ser dinâmico, que está em constante mudança, e as experiências contribuem de forma intensa para a construção da leitura de cada indivíduo, principalmente quando estamos no campo da literatura.

Notamos também que o Leitor 34, embora esteja produzindo um texto acadêmico, se sente à vontade para demonstrar suas experiências íntimas relacionadas à leitura. Esse aspecto nos faz compreender que o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS não limita os campos de pesquisa, para que o leitor seja o autor de sua própria leitura e não fique engajado em leituras totalmente “acadêmicas”, com o objetivo de cumprir um preceito.

A seguir, temos um outro exemplo que, embora já tenha sido utilizado em outro momento, é bastante elucidativo para o que se coloca aqui:

O objetivo dessa dissertação, enquanto abordagem interdisciplinar de literatura, história e teoria cultural, incide, de certa forma, no engajamento pessoal das experiências vividas no sertão - região semi árido – baiano às margens do Rio São Francisco – que se fixam na memória: o privilégio de ter nascido na rua da feira, em Paulo Afonso –Ba, trouxe-me o um universo colorido, cheiroso e sonoro. A pesquisa pretende “aumentar os decibéis de importância” em relação a presença, meio esquecida, da voz na poética de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, poeta sertanejo bastante influenciado pela estrutura do Romanceiro Popular nordestino, no qual encontramos a presença poética oral. O interesse inicial pela pesquisa com poesia popular surgiu da ausência de disciplinas referentes ao tema nas universidades, principalmente, no Nordeste (Leitor 46, 2011, p. 10).

O exemplo acima já fora utilizado para a leitura do texto referente às lembranças da infância, do lugar, do momento em que a vida parecia mais leve. É nesse exato momento que a literatura se confunde com o mundo real, as relações feitas a partir do texto literário trazem à tona a subjetividade do indivíduo e a sua história de vida se confunde com o texto de ficção.

As considerações feitas pelo mestrando, quando afirma que inicialmente o interesse em pesquisar tal objetivo estava relacionado ao fato de haver pouca pesquisa pertinente a Patativa do Assaré, nos fazem compreender também que, mesmo que a finalidade seja mais acadêmica, há sempre a possibilidade para que a subjetividade do leitor tenha um espaço. Na sequência, um outro exemplo que dialoga com a perspectiva em questão:

Dedico este trabalho a minha tia-avó, Clarice Rodrigues Guimarães (in memoriam), taróloga, florista e amante fiel das Letras e da Filosofia. Sem as suas cartas, curiosamente observadas ainda em minha infância, não teria guardado as imagens que

motivariam esta investigação. Aquelas mesmas intocáveis cartas de quase um século me auxiliariam no estudo dos arquétipos. Seus livros sobre Cabala não foram lidos, o tempo e a ignorância os tornaram ilegíveis, mas seus conteúdos se reinventariam em outros textos. Lembrei-me muito dela na segunda parte desta pesquisa. Não deixou filhos, apenas algumas poesias, uns livros carcomidos pelo tempo e uma caixinha pintada à mão contendo seus preciosos “trunfos do tarô”, um punhado de tesouros que costumam ser ignorados por não possuírem o toque frio do metal e a reluzência do ouro. O destino me conduziu solitária aos últimos cinco, ou dez, minutos de sua longa jornada, aprendendo ali as palavras certas da despedida. É certo que toda vida pode deixar sementes que um dia germinam, algumas das suas eclodiram, silenciosamente, em ideias, vertendo-se, por fim, em grandiosos frutos. Foram esses frutos que nutriram a minha insaciável curiosidade, o embrião faminto desta pesquisa (Leitor 12, 2016, p. 04).

A memória resgatada através do texto literário é uma enfática característica da subjetividade. Ao adentrar o texto do Leitor 12, verificamos que ele relaciona o desenvolvimento da pesquisa, a todo tempo, com as lembranças e histórias vividas ao longo de sua vida. Nesse sentido, confirmamos que, mesmo no texto com o objetivo acadêmico e de pesquisa, é possível que a subjetividade seja exaltada.

2.6 Ser leitor, estar no mundo

Não há como separar a nossa vida real das leituras que fazemos. O texto literário nos faz adentrar nas variadas temáticas socioculturais existentes, que fazem parte da vida humana. A seguir, temos exemplos que evidenciam o gosto pessoal do mestrando, mostrando que os fatores externos à leitura são facilmente comparados quando o leitor se deixa tocar pelo texto, evidenciando um leitor que consegue construir mapas mentais a partir do contexto de leitura, ao escolher o seu objeto de pesquisa:

O objetivo dessa dissertação, enquanto abordagem interdisciplinar de literatura, história e teoria cultural, incide, de certa forma, no engajamento pessoal das experiências vividas no sertão - região semi - árido - baiano às margens do Rio São Francisco - que se fixam na memória: o privilégio de ter nascido na rua da feira, em Paulo Afonso -Ba, trouxe-me um universo colorido, cheiroso e sonoro. A pesquisa pretende “aumentar os decibéis de importância” em relação a presença, meio esquecida, da voz na poética de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, poeta sertanejo bastante influenciado pela estrutura do Romancero Popular nordestino, no qual encontramos a presença poética oral. O interesse inicial pela pesquisa com poesia popular surgiu da ausência de disciplinas referentes ao tema nas universidades, principalmente, no Nordeste (Leitor 46, 2011, p. 10).

Fizemos uma escolha — e, ao final do trabalho, esperamos tê-la deixado clara — de encarar o passado da ditadura civil-militar através dessa representação literária. Porque, parece-nos, que diante da barbárie não é possível deixar de fora o relato dos sentimentos. Apenas assim, como defende Sicher (2000) é possível gerar empatia naqueles que não foram testemunhas oculares da violência e, quem sabe assim, haja alguma esperança de que esta não volte a se repetir (Leitor 26, 2014, p. 101).

Nos exemplos, percebemos que os mestrands deixam explícitos os sentimentos que são aflorados a partir do texto que analisam, dialogando com determinada situação histórica, e essa questão exerce forte influência em suas escolhas, haja vista que a visão de mundo deles está atrelada às leituras que fizeram da obra. Ao fazer certas ligações com a vida pessoal, o leitor demonstra que o texto corresponde, a certo modo, a sua perspectiva de vida. O envolvimento entre o objeto de estudo deixa de ser apenas acadêmico e vai muito além de pesquisas. Em seguida, vemos outro exemplo:

Portanto, este trabalho visa ao estudo do processo de leitura de um texto literário, para isso segue uma posição contrária às pesquisas tradicionais, que procuram essa resposta exclusivamente no texto. Contudo, não busco aqui responder a todos os questionamentos sobre a interpretação, muito menos uma resposta definitiva sobre esta problemática, pois a complexidade em analisar este tema envolveria um corpus muito maior, e, mesmo assim, não asseguraria um resultado conclusivo, principalmente devido à subjetividade envolvida. O objetivo, assim, é muito mais compreender como ocorre este processo de leitura, sem a pretensão de definir um modelo, como um primeiro passo, para tentar entender o que pode, por sua vez, ocorrer com outros/as leitores/as (2016, p. 13). A escolha deste romance de Carvalho também leva em consideração aspectos da minha individualidade, os quais pretendo investigar a partir das bases teóricas que desenvolvo neste trabalho. Por isso, no primeiro capítulo, faço um percurso sobre importantes pesquisas que envolvem a leitura e o leitor e a abordagem autoetnográfica. Quero com isso fazer uma trajetória teórica que justifique as análises que farei nos outros capítulos (Leitor 03, 2016, p. 12).

A particularidade do texto acima já se mostra a partir do uso da primeira pessoa do discurso. O “eu” está não só no conteúdo do texto, mas demarca a própria escrita. O mestrando faz um percurso de análise considerando suas próprias impressões. Esse fator tem nos levado à confirmação de que o sujeito leitor é em potencial um ser subjetivo, e atualmente esse título tem ganhado cada vez mais força. Os discursos que envolvem a perspectiva da subjetividade estão ganhando cada vez mais espaço, por isso talvez haja uma mudança de rota, uma vez que considerar as experiências do leitor se coloca como o caminho mais sensato.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, alguns teóricos mostram que somente poderemos compreender a obra se compreendermos as questões formais que estão contidas nela. É através desse caminho que podemos destrinchar a semântica de um texto. Abaixo, como poderemos analisar, segue um exemplo de texto que apresenta os aspectos mais formais, para que se possa fazer uma análise mais aprofundada. Isso se explica pelo fato de que, quando o leitor tem um grande repertório de leitura, essa sensibilidade é aguçada, o que demonstramos no excerto do Leitor 02:

A pesquisa surgiu a partir dos próprios poemas, da constatação da reincidência dos signos da água nos textos. São curiosos, nesse sentido, os matizes dessa presença, de modo que a água tanto figura como elemento central da significação como, em outros casos, age com sutileza, às vezes manifestada justamente pela falta, como a referência à sede no poema que abre o livro. Mas, num momento logo posterior à constatação desse manancial, nos veio a lembrança do primeiro ensaio de *O ser e o tempo* da poesia (1977), de Alfredo Bosi, sobre a imagem no poema (Leitor 02, 2016, p. 13).

A partir desse exemplo, percebemos que o discurso que envolve o mestrando está relacionado à própria análise do poema em si e à sua representatividade. Apesar disso, a linguagem utilizada para compor a sua dissertação é carregada de subjetivismos que atravessam a análise do texto sob o viés estético. Nesse percurso, o mestrando adentra o texto literário e conduz sua leitura de forma totalmente subjetiva.

No entanto, percebemos que o discurso que envolve o mestrando está relacionado à própria análise do poema em si e à sua representatividade. Apesar disso, a linguagem utilizada para compor a sua dissertação é carregada de subjetivismos que atravessam a análise do texto sob o viés estético. Na busca pelo sentido, o mestrando adentra o texto literário e conduz sua leitura de forma totalmente subjetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como os mestrandos de Letras da Universidade Federal de Sergipe justificam suas escolhas foi um trabalho desafiante. Por considerarmos que a leitura é uma construção coletiva e, principalmente, por entendermos que a subjetividade e a afetação literária são pontos pertinentes tão somente àqueles que vivenciam o texto literário, podemos afirmar que, mesmo diante de um texto racionalizado, com o intuito de trazer análises e pesquisas, não há como excluir a subjetividade, pois não há como excluir o leitor.

Assim, como bem aponta Candido (1988, p. 176), “a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)”. Em meio a essas contradições, verificamos que a subjetividade é inerente ao leitor e abre o caminho para diversos debates, e, sobretudo, lhe atribui um valor especial. Não há possibilidade de excluir o que move um leitor a querer analisar um texto literário.

Sendo assim, os gostos pessoais sempre influenciam a nossa perspectiva a respeito de um texto literário. Pessoas que mantêm uma relação íntima com a literatura, seja por paixão ou profissão, não conseguem separar da história da sua vida as leituras que realizaram, visto que a literatura faz parte de si, está internalizada no seu eu, de acordo com a maneira particular como o leitor guardou cada texto lido.

Conforme evidenciamos, os aspirantes a mestres da UFS constituem uma comunidade de leitores com gostos peculiares, mas acabam carregando características comuns. A principal delas talvez seja ler determinado texto a partir de suas relações com o seu estar no mundo.

O texto por si só é o instrumento fundamental para que esse processo ocorra. O interessante neste trabalho foi perceber que, mesmo dentro de um espaço acadêmico, os leitores demonstram, através de suas escritas e escolhas, que há uma certa liberdade para que o texto seja lido/escolhido.

Além disso, verificamos que os debates que são levantados a partir da escrita desses mestrandos mostram que esses leitores conseguem fazer uma ligação da literatura, seja ela contemporânea ou não, a temas que dialogam intrinsecamente com questões atuais. Além disso, no Programa de Pós-Graduação em Letras, temos a abrangência das variadas abordagens e críticas literárias. É válido, pois, ressaltar que levantamos, aqui, os pontos que mais se destacam quando analisamos as dissertações defendidas.

Sendo assim, consideramos que a subjetividade literária é um aspecto que ainda necessita de muitas pesquisas, mas conseguimos compreender que, em todo texto, mesmo naqueles que se intitulam mais acadêmicos, há, sim, a presença dela, pois a voz do leitor/escritor é inerente ao texto a ser construído.

Em face do exposto, o estudo das leituras feitas por mestrandos, partindo da análise de suas respectivas dissertações, foi o ponto crucial sobre o qual esta dissertação se circunscreveu. Atentar-se para a formação desse leitor é, evidentemente, de nosso interesse, haja vista que o principal ponto observado é o que motiva a escrita desses mestrandos, como eles consideram o texto literário e quais seus principais interesses. Nesse sentido, o texto visou também elaborar um manual de critérios estabelecidos pelos estudantes de mestrado em Letras da UFS, mesmo de forma inconsciente.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 26-51.
- AULETE, Caldas. *Aulete digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, vs online. Acesso em: 01 dez. 2016.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4ª ed. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BELLE, Lauci Regina. *Considerações em torno do mundo da leitura: criticidade, conscientização e transformação*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-04-26T115937Z26/Publico/belle_lr_tm155.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2012.
- BLOOM, Harold. *Como e porque ler*. Trad. Jose Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 1988.
- _____. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- COMPAGNON, Antoine. O leitor. In: *O demônio da teoria: Leitura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 139-164.
- _____. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 10-47.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 73-89.
- FRANCE, Anatole. Sobre a subjetividade radical da crítica (1888). In: SOUZA, Roberto Acízelo de (org.). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó: Argos, 2011. p. 579-582.
- GERVAIS, Bertrand. Três personagens em busca de leitores: uma fábula. In: ROUXEL, Annie et al. (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. Trad. Arlete Cipolini. São Paulo: Alameda, 2013. p. 39-51.

GOMES, Carlos Magno Santos. Estudos culturais e crítica literária. In: *Revista Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 30, 2011. p. 53-68.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: COSTA LIMA, Luiz (Trad.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?*. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. p. 98-125; 133-138.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: REZENDE, Neide Luzia et al. (org.). *Leitura subjetiva e leitura literária*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.

LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra; DC Luzzatto, 1996. p. 07-24.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACIEL, Luciana Novais. *As personagens femininas de Alina Paim: do lar à militância*. In: *Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira*, Lagarto, n.07, 2012. p. 1-15.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 23-81.

MAZURIC, Catherine. Les moi volatis des guerras perdues, a leitura, construção ou desconstrução do sujeito?. In: REZENDE, Neide Luzia et al. (org.). *Leitura subjetiva e leitura literária*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 89-102.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 2011.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Leitor, leitura, escola: uma trama plural. In: Prado, J. e Condini, P. (org.). *A formação do leitor*. Rio de Janeiro: Pontos de Vista, 1999.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: REZENDE, Neide Luzia et al. (org.). *Leitura subjetiva e leitura literária*. São Paulo: Alameda, 2013. p. 67-100.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo, 2003. p. 51-60.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 119-165.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. In: *Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro. v. 10, n. 1, jun. 2008. p. 01-08.

ANEXO - FICHAMENTO DAS DISSERTAÇÕES 2010 a 2016

Leitor 01

O crime no romance *Coivara da memória*, por exemplo, é um tema pouco estudado, e, como é sabido, o homicídio é o motivo desencadeador dessa narrativa. Assim, nesse viés do delito, a presente dissertação intitulada *A construção estética e cultural do crime em “Coivara da memória”*, tem como objetivo investigar os recursos estéticos que organizam estruturalmente essa narrativa, assim como o homicídio é apresentado no texto e como é entendido culturalmente. Ao analisar o crime nessa obra, trabalhamos com a hipótese do crime não só enquanto crime, mas o crime enquanto jogo da linguagem para iluminar a própria interpretação da obra, uma vez que a ideia de crime expressa no texto é tanto forma quanto conteúdo, ou, por assim dizer, é o elemento estético fundido no cultural para dar forma ao texto (2016, p. 13).

Leitor 02

A pesquisa surgiu a partir dos próprios poemas, da constatação da reincidência dos signos da água nos textos. São curiosos, nesse sentido, os matizes dessa presença, de modo que a água tanto figura como elemento central da significação como, em outros casos, age com sutileza, às vezes manifestada justamente pela falta, como a referência à sede no poema que abre o livro. Mas, num momento logo posterior à constatação desse manancial, nos veio a lembrança do primeiro ensaio de *O ser e o tempo* da poesia (1977), de Alfredo Bosi, sobre a imagem no poema (2016, p. 13).

Leitor 03

Portanto, este trabalho visa ao estudo do processo de leitura de um texto literário, para isso segue uma posição contrária às pesquisas tradicionais, que procuram essa resposta exclusivamente no texto. Contudo, não busco aqui responder a todos os questionamentos sobre a interpretação, muito menos uma resposta definitiva sobre esta problemática, pois a complexidade em analisar este tema envolveria um corpus muito maior, e, mesmo assim, não asseguraria um resultado conclusivo, principalmente devido à subjetividade envolvida. O objetivo, assim, é muito mais compreender como ocorre este processo de leitura, sem a pretensão de definir um modelo, como um primeiro passo, para tentar entender o que pode, por sua vez, ocorrer com outros/as leitores/as (2016, p. 13). *Nove Noites* foi escrito por Bernardo Carvalho, um autor jovem, que publicou vários livros, entretanto sua crítica acadêmica ainda não é tão vasta, até porque continua produzindo. Seus textos recebem críticas muitas vezes de

resenhas publicadas em jornais e revistas, que atestam o seu potencial e suas realizações como escritor. O livro estudado aqui é o que possui mais trabalhos, até pela repercussão em ter recebido alguns prêmios e ter sido considerado o melhor escrito até aquele momento. A escolha deste romance de Carvalho também leva em consideração aspectos da minha individualidade, os quais pretendo investigar a partir das bases teóricas que desenvolvo neste trabalho. Por isso, no primeiro capítulo, faço um percurso sobre importantes pesquisas que envolvem a leitura e o leitor e a abordagem autoetnográfica. Quero com isso fazer uma trajetória teórica que justifique as análises que farei nos outros capítulos (2016, p. 12).

Leitor 04

A escolha das duas obras como corpus dessa dissertação se deu, de um lado, pelo fato de *Os Lusíadas* já terem sido objeto de estudo no trabalho de conclusão de curso na graduação, de outro, por existir o desejo de produzirmos uma pesquisa que associasse ambas as línguas da formação em Letras Português-Inglês, analisadas no campo da literatura, sendo escolhida para este propósito a epopeia inglesa Paraíso Perdido (2016, p. 10). O objetivo específico desta dissertação foi a comparação entre as obras quanto à permanência da mitologia clássica no plano literário das obras. Ambas apresentam influência do pensamento clássico, seja através da manutenção de uma estrutura tradicional (invocação às Musas), menção de epopeias clássicas ou recursos de poetas épicos clássicos, como Virgílio, e alusão a deuses greco-romanos. Em outras palavras, são obras impregnadas pelo pensamento clássico, cuja presença no corpo dos poemas varia em força, importância e penetração (2016, p. 94).

Leitor 05

Assim sendo, neste trabalho pretende-se fazer uma leitura comparativa entre duas obras literárias, uma do século XVIII, *O Uruguai*, e outra do XX, *Sepé – o morubixaba rebelde*, e, a partir dessa leitura, analisar e explorar o perfil do herói nesses dois poemas épicos, observando como o épico moderno dialoga com o épico neoclássico, seja para reescrevê-lo, seja para superá-lo. Isso evidencia o caráter mimético, no sentido de *emulação*, do texto literário. Isto é, quando um escritor é motivado a imitar outro, seja para igualar-se ou superá-lo. No caso estudado, Fernandes imita Gama, escrever seu poema épico baseado na história de Sepé Tiaraju, a fim de superá-lo. Com sua tentativa ele acaba inserindo seu poema na tradição épica nacional. Tendo em vista que esse trabalho parte de Sepé Tiaraju, a escolha desses dois poemas se justifica por se tratarem de dois textos literários que se assemelham tanto pelo gênero, como

pela temática desenvolvida na obra, e por serem duas versões que ao mesmo tempo em que se aproximam, pela temática e gênero, distanciam-se pela representação do herói. São duas obras que estão relacionadas à ideologia ou à visão de mundo de seus criadores, além dos claros vínculos com seus próprios tempos (2016, p. 11).

Leitor 06

Finalmente, destacamos que a tessitura do nosso estudo vai na direção do revivalismo e do reconhecimento hoje dados ao épico, gênero este que subsiste e que está tão vivaz quanto o romance e o poema lírico. Além disso, valorizar obras nacionais não-canônicas viabiliza a projeção de autores cuja fortuna crítica ainda está sendo valorada. Com efeito, a composição do quadro estético, estilístico, temático e estrutural do *Trigal*, do *Marco* e do *Tractatus*, como a concebermos, favorece a construção do conhecimento sob um enfoque múltiplo. Assim sendo, enredados nas malhas dessas epopeias, somos desafiados a destrinchar as minúcias e a elucidar a criação da arte e dos seus resultantes. Nesse sentido, as teorias nos serão essenciais, bem como o engenho; e o Poeta – o eu-lírico/narrador, instância de enunciação (explícita ou latente) da trilogia – nos ajudará, assim como Calíope, a musa da poesia épica, na nossa tarefa de compreender em que sentido a pós-modernidade, a reflexão estética e uma trilogia épica empreendem o potencial humanizador, fruidor e subjetivo de que a arte é dotada (2016, p. 17).

Leitor 07

Esta pesquisa surgiu a partir do desejo de ampliar o conhecimento sobre o homem de teatro Artur Azevedo, cujas obras provocaram divergência de opiniões entre a crítica. Das diversas peças escritas por Artur Azevedo, escolhemos trabalhar com *O Dote* (1906) e *A Capital Federal* (1897). Escolhemos essas comédias porque são dois textos representativos de cada subgênero cômico, assim o nosso estudo desenvolve-se não só com a finalidade de observar as funções e os procedimentos cômicos, mas também os vários estágios da produção artística do autor. Em contato com o nosso contexto o gênero dramático sofre transformações que irão refletir na obra dramática. Tendo em vista tais transformações, teremos como um dos objetivos observar como essas características se projetam na dramaturgia de Azevedo.

Antes de avançarmos nas considerações sobre as obras, caberiam algumas considerações sobre o processo de desenvolvimento do trabalho. Durante a pesquisa, o objetivo primeiro era a busca da comicidade nas obras de Azevedo, dessa forma o tema —teatro— ficaria em segundo plano, porém a própria pesquisa nos levou a perceber que a intenção principal do nosso artista não era apenas fazer rir. Notamos que apesar de ele ter cedido ao teatro comercial,

seu projeto principal era o de fincar o teatro nas raízes culturais brasileiras, corroborando com a ideia já proposta por seus pares de que a arte teatral deveria ser usada na formação e educação do homem. Azevedo encarnava o teatro nacional em sua dupla condição de autor e crítico. Ele manteve conduta ambígua, uma vez que lucrava ao escrever o teatro ligeiro e ao mesmo tempo se alinhava em consonância com seus pares, pois tinha sonhos de trabalhar com a comédia séria sem se preocupar com o retorno financeiro. Daí que surge a campanha para a construção de um teatro municipal que beneficiasse o teatro nacional. Observação que pode ser notada através do estudo da peça *O Mambembe*, que trazemos como exemplo no segundo capítulo, e na qual ele se dedica a falar do teatro no próprio teatro (2016, p. 09).

Leitor 08

O interesse pela obra surge durante as aulas da disciplina História, Literatura e Memória, ministrada pela professora Jeane de Cássia Nascimento Santos, no curso do mestrado. As considerações feitas à literatura africana despertaram o interesse de ler a obra do moçambicano Mia Couto, conseqüentemente, o gosto por sua escrita. De modo que, durante esse tempo de estudo, amadurecemos as impressões, investigamos as críticas em torno da obra, desenvolvemos alguns artigos, participamos de alguns eventos, para assim desenvolver e apresentar neste trabalho.

Descortinada então a temática, vêm a lume os seguintes questionamentos: como a história de um país, marcado por experiências antagônicas e anestesiado por guerras, violências e deslocamento, pode intervir na forma deste fazer literário? De que forma Mia Couto traduz, na tessitura em análise, a busca da afirmação e reestruturação política e sociocultural por meio da memória?

À cata de respostas a esses questionamentos, apreciamos algumas considerações feitas à literatura africana de língua portuguesa, mais precisamente, à moçambicana, com intuito de auferir conhecimento sobre o escritor Mia Couto e, posteriormente, da obra escolhida para análise, para que com clareza e precisão se estabeleçam as conexões entre literatura, história e memória (2016, p. 11).

Leitor 09

Dos trabalhos na área das letras de Cyro dos Anjos, o foco de estudo desta pesquisa será concentrado nos três romances do autor: *O amanuense Belmiro*, *Abdias e Montanha*, os dois primeiros narrados em primeira pessoa e o último em terceira. Tendo como foco de estudo apenas as narrativas com feição diarística do escritor mineiro, descartaremos *A menina do sobrado*, haja vista essa obra é voltada para as memórias de Cyro dos Anjos, narrando as fases da vida do escritor, desde a infância até a mocidade (2016, p. 13). Em resumo, o objetivo central da pesquisa é colocar em relevo o uso do diário nos três romances de Cyro dos Anjos, como técnica utilizada para a manifestação lírica dos seus respectivos personagens. Em vista disso, faremos um estudo das três obras separadamente, em capítulos e na ordem de publicação de cada um. Dentro de cada capítulo haverá, a priori, uma sinopse de cada romance, com um apanhado geral de contextualização e apresentação dos mesmos. Além disso, abordaremos a tipologia e o foco narrativo de cada obra, fazendo a relação com o gênero diarístico, esclarecendo também através de fragmentos das prosas como tal gênero é utilizado nos três romances, assim como destacaremos seu papel em cada obra para o desnudamento dos personagens através da manifestação do lirismo, nos pautando no conceito de diário de Lejeune (2008) (2016, p.15).

Leitor 10

Esta dissertação apresenta um estudo sobre o imaginário da nação em Tobias Barreto, especificamente em seus ensaios críticos e em sua obra *Dias e Noites*, que reúne uma variedade de poemas, inclusive patrióticos. Apesar de ser um escritor de pouca visibilidade na história do romantismo brasileiro, pretendemos analisar seus textos poéticos e ensaios críticos para ampliar seu espaço de atuação enquanto intelectual preocupado com os problemas que afligiam a nova nação brasileira, recém-independente. Sua postura política é fundamental para uma revisão de seu lugar na história literária, visto que sua atuação como crítico da monarquia projetou-o como um dos intelectuais de esquerda (2016, p. 09). Os fatores que nos levaram a selecionar tal objeto de pesquisa, por sua vez, estão relacionados ao desejo de não só rever o lugar de Tobias Barreto, que se projeta para além do campo literário, mas também de ampliar as possibilidades de recepção de sua obra, já que essa foi classificada como uma obra “menor”, sem muitas vezes considerarem as condições de produção de seus poemas. Nesse contexto, notamos a relevância de se estudar uma obra cujo autor expõe facetas conflitantes que fogem das classificações tradicionais, como tantas vezes lhe foram impostas como escritor romântico, entre outras. Torna-se necessário ressaltar que durante o processo de desenvolvimento desta dissertação

encontramos vários desafios. Um dos principais foi a escassez de estudos confiáveis referentes a Tobias Barreto e à sua única obra poética. Além desse, também tivemos o desafio de contemplar em nossa análise os elementos estéticos dos poemas patrióticos, enquanto os relacionávamos às informações históricas sobre a Guerra do Paraguai. Portanto, almejamos valorizar os elementos estéticos e os aspectos culturais simultaneamente, pois, assim, teremos uma dimensão do valor estético-cultural dos poemas patrióticos de Tobias Barreto. Apesar de ter atuado de forma engajada em vários momentos de sua vida, Tobias Barreto não teve tanta visibilidade quanto os intelectuais que se situaram no Rio de Janeiro, o que não minimiza a sua importância dentro do cenário nacional, uma vez que produziu obras diversas (2016, p. 11).

Leitor 11

O intento principal desse texto é o de percorrer essa escrita diarista apontando as questões mais inquietantes vividas por Belmiro Borba. Na busca por esses pontos inquietadores, nos debruçamos pela narrativa de *O amanuense* focando na matéria essencial da vida humana: os afetos. O que podem os afetos? Podem eles ser capazes de nos imprimir tal força de ação ou retração diante da vida. Que afetos nos são mais vistosos? Aqui escolhemos o amor, o medo, a nostalgia e a solidão. Afetos que garantem um caminho ardoroso na vida de Belmiro e uma vereda apaixonada na concepção dessa pesquisa (2016, p. 11).

Leitor 12

Dedico este trabalho a minha tia-avó, Clarice Rodrigues Guimarães (in memoriam), taróloga, florista e amante fiel das Letras e da Filosofia. Sem as suas cartas, curiosamente observadas ainda em minha infância, não teria guardado as imagens que motivariam esta investigação. Aquelas mesmas intocáveis cartas de quase um século me auxiliariam no estudo dos arquétipos. Seus livros sobre Cabala não foram lidos, o tempo e a ignorância os tornaram ilegíveis, mas seus conteúdos se reinventariam em outros textos. Lembrei-me muito dela na segunda parte desta pesquisa. Não deixou filhos, apenas algumas poesias, uns livros carcomidos pelo tempo e uma caixinha pintada à mão contendo seus preciosos “trunfos do tarô”, um punhado de tesouros que costumam ser ignorados por não possuírem o toque frio do metal e a reluzência do ouro. O destino me conduziu solitária aos últimos cinco, ou dez, minutos de sua longa jornada, aprendendo ali as palavras certas da despedida. É certo que toda vida pode deixar sementes que um dia germinam, algumas das suas eclodiram, silenciosamente, em ideias,

vertendo-se, por fim, em grandiosos frutos. Foram esses frutos que nutriram a minha insaciável curiosidade, o embrião faminto desta pesquisa (2016, p. 04).

Leitor 13

Esta dissertação se propõe a investigar a (in)visibilidade da autoria feminina na literatura de cordel, historicamente compreendida como “poética de homens”, e discutir tendências e impasses na construção do gênero, analisando de que modo essas vozes femininas do cordel contemporâneo põe em cena a mulher em seus poemas. Para tanto, elegemos um *corpus* composto por três folhetos *O que é ser mulher?*, de Salete Maria, *A mulher e sua trilha*, de Rosário Pinto e *Saias no cordel*, de Dalinha Catunda, escolhidos pelo critério da qualidade poética, por discutirem processos de (des)construção da mulher na sociedade e pela relação de suas autoras com a Academia, instituição de guarda da memória e que contribuiu com a consolidação do cordel no cenário nacional (2016, p. 09).

Leitor 14

Nesta dissertação, tivemos por objetivo localizar historicamente, dando-se ênfase à contemporaneidade, alguns dos sentidos e dos níveis metafóricos das desdobras da morte no romance. Dessa forma, buscamos entender esse trânsito por intermédio da dinâmica de espelhos em dimensões materiais e metafóricas. Assim, pretendeu-se explicar a função da narrativa em *A desumanização* como um modo de negociação e, também, de montagem de novos lugares de existência e de perspectivas para a personagem Halla (2016, p. 03).

Leitor 15

Para fundamentar nossa hipótese de que a temática do duplo tal qual se efetiva na obra em estudo provém da inserção do indivíduo numa sociedade capitalista, e nela se envolve em práticas corruptas, utilizaremos o conceito de alienação do ponto de vista de Marx e Lacan, estudado pelos autores Mészáros (1981) e Funk (1998), respectivamente (2016, p. 12).

Leitor 16

Caminhos inesperados nos permitem investir no desconhecido, caminhar em meio ao escuro, abandonar o planejado e se aventurar no novo. Os clássicos infalíveis não me valeram e pareceram tão exauridos que, em pouco ou nada, poderiam contribuir. Buscando uma obra que estivesse inserida no contexto das lutas sociais, deparei-me com *A hora próxima*, e assim foi o encontro com Alina Paim-escritora conterrânea, cuja obra eu desconhecia. O desafio

muitas vezes parecia intransponível. Foi mergulhando na história de vida da escritora que pude compreender seu compromisso com a arte e com as lutas sociais, articulando militância política e literatura engajada, que fazem de suas obras oportunidades de se abrir o debate sobre o sistema patriarcal que se sustenta na exploração e subordinação da mulher (2016, p. 09).

Leitor 17

Os dramas agora mesclavam a densidade psicológica a uma tendência mais social. Um narrador que absorvia os sentidos do mundo e se camuflava nas descobertas. Como castigo, a loucura e a punição dos corpos. Entrelaçado a isso, o erotismo: uma de suas marcas. Embora, nesse viés, algo de repulsivo me atraísse o olhar. Era como estar diante de um narrador atormentado, cujas imagens revelavam um mundo em deformidade. Mas, em minha linguagem entrecortada, para o leitor, há um efeito de sentido, transpor a realidade do diálogo de Viana: picotado, de frases curtas e pontos finais marcante (2015, p. 18).

Leitor 18

Estudar o teatro de Machado de Assis é deparar-se com uma bibliografia enorme que vê em suas peças cômicas frieza e artificialidade. Nós, no entanto, assim como alguns estudiosos do teatro de Machado, vimos opção dramática. Machado de Assis elege a ironia e a paródia como princípios de composição. Muito embora falar em ironia e paródia em sua obra pareça lugar comum, poucos se ocuparam dos procedimentos cômicos utilizados por ele em suas peças. Nesse sentido, enfocamos neste trabalho a análise da função e dos procedimentos cômicos em duas peças de Machado de Assis: Hoje avental, amanhã luva (1860) e O caminho da porta (1862). Analisar a comicidade em suas peças parece-nos um caminho bastante profícuo na tentativa de reverter certas perspectivas instauradas na literatura brasileira sobre a obra teatral machadiana, que a relegou a um lugar de menor destaque (2015, p. 08).

Leitor 19

Isto posto, é necessário destacar que nossa proposta de estudo é analisar a presença e algumas representações do suicídio no conto contemporâneo, valendo-se, quando possível, de determinadas concepções acerca da pós-modernidade, afinal nem tudo que é contemporâneo é pós-moderno. Além desse objetivo geral, há pontos mais específicos que tratam do suicídio como um elemento estético-crítico capaz de dinamizar a relação estabelecida entre esse signo

e o mundo por meio da literatura. Nessa esteira de debate, estudamos o suicídio/suicida como um fenômeno social relacionado à ritualização, à espetacularização e ao estranhamento do ato, bem como ao destratamento do corpo e às aberturas para reflexão sobre o presente (2015, p. 10). A escolha do gênero se justifica pela quantidade e qualidade de escritores contistas no período, significando também que há mais leitores para esse mercado, sem descartar, dentro disso, o gosto pessoal (2015, p. 12). A pretensão de estudar as representações do suicídio no conto contemporâneo brasileiro nasceu, de certa forma, de um engajamento pessoal por conta da experiência no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), bem como da participação em grupo de pesquisa atuando na linha de estudos sobre a memória cultural e o mal na literatura, sob orientação da professora Josalba Fabiana dos Santos (2015, p. 15).

Leitor 20

Enfim, em linhas gerais, o objetivo da nossa pesquisa é uma leitura da *Crônica da casa assassinada* que leve em consideração o fenômeno do duplo como uma porta de entrada para as possíveis interpretações que a obra proporciona. Mais especificamente, pretendemos analisar as relações que Nina desenvolve com os demais personagens da narrativa. Em que medida a chegada de Nina à casa dos Meneses causa uma ruína já iminente? Que representações para a sociedade as relações de Nina com os outros simbolizam? Assim perquiriremos como se desenvolvem os duplos da narrativa cardosiana e o que eles figuram (2015, p. 17).

Leitor 21

As leituras do Romance Sergipano, que esta dissertação apresenta, decorrem de um contato com este tipo de literatura oral iniciado através da literatura de Cordel e da cantoria dos poetas populares. Criança ainda, numa infância vivida no Mercado Central de Aracaju, travei contato com os folhetos de Cordel, os quais fascinaram minha imaginação. Além dos folhetos, tive a oportunidade de assistir, frequentes vezes, às cantorias entre repentistas, que se apresentavam e como ainda se apresentam nas ruas desse mercado, amontoando em torno de si uma pequena multidão de pessoas, encantadas com a beleza de sua arte. Tais experiências deixaram em mim marcas de uma profunda admiração pela cultura popular, particularmente pela literatura oral (2015, p. 11.)

Leitor 22

A partir da reflexão e questionamentos a respeito da importância da temática “a família” (grifo nosso) para a arte literária, o presente estudo busca contribuir com as pesquisas já realizadas sobre o tema intrínsecas à obra literária, especificamente, na obra infantil de Alina Paim e Monteiro Lobato (2015, p. 09). Este trabalho pretende ampliar também os estudos e as pesquisas já realizadas pelo grupo de Estudos de Literatura e Cultura – Gelic, através do projeto “Alina Paim: resgate de uma autora sergipana”, coordenado pela professora Dr^a Ana Marial Leal Cardoso (UFS), que desde 2016 realiza pesquisas sobre a vida e a obra da autora. Neste contexto, destacamos sobre a literatura infantil da autora a partir dos trabalhos do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/UFS), encetados em 2009, que destacam a densidade metafórica da linguagem encontrada nos textos *corpus* desta pesquisa, além da grande riqueza mitológica nelas contidas (2015, p. 11).

Leitor 23

Entretanto, por muito tempo, durante a leitura e releitura do material que tínhamos em mãos, ficamos em sincera dúvida sobre o caminho a seguir. E se fosse possível cobrir as duas faces, cômica e trágica, dentro do romance? Entretanto, cobrir tão ampla gama de possibilidades poderia nos conduzir, arriscadamente, a uma análise apenas lateral do assunto, o que seria lastimável, pois precisamos de um ponto de vista que faça jus ao talento do escritor mineiro, nascido em Belo Horizonte a 12 de outubro de 1923, autor de alguns renomados sucessos literários, como os romances *O encontro marcado* (1956) e *O grande mentecapto* (1979) e na área do conto, *O homem nu* (1960). A solução técnica que encontramos não é a única e pesquisas complementares se fazem necessárias, mas assim, pelo menos, está oferecida a oportunidade de começar já pelas penúltimas palavras do romance: “Donde leese por la fuerza de las cosas, lease: por la debilidad de los hombres” (SABINO, 1979, p. 232) (2015, p. 11).

Leitor 24

Sendo assim, esta pesquisa centra-se na trilogia de Lúcio Cardoso chamada de *O mundo sem Deus*, que é composta por *Inácio* (1944), *O enfeitado* (1945) e *Baltazar* (inacabada). Tais narrativas fazem parte de um espaço caracterizado pelo crime, violência, danação, transgressão, loucura, vícios e desespero. Segundo Antônio Cândido, na melhor das hipóteses os personagens

ficcionais nascem justamente desse paradoxo: o do não existir os que parecem existir. Eles não existem de fato a não ser no papel, como já é sabido (2014, p. 12). Por falar que a literatura comparada surge das relações possíveis entre duas literaturas de nacionalidades diferentes, ou de uma mesma, é que se busca neste trabalho tais possibilidades de leituras, ou seja, relacionar a trilogia de Lúcio Cardoso com o romance de Stoker a partir do rompimento de suas fronteiras (2014, p. 28).

Leitor 25

Foi uma missão difícil estabelecer o corpus. O processo mais viável que encontrei foi começar a ler as obras completas de Carlos Viana, pois ele era o que menos tinha livros publicados. Ao término de seus cinco livros, fui à busca dos livros de Trevisan. Ao ler uma imensidão de contos, surgiu a pergunta: como escolher? Então, o que Julio Cortázar havia falado antes sobre o tema escolher o escritor também chegou até a mim. De tanto perceber as relações de violências contidas no conto, fui induzida a escolhê-las. Desse modo, recortei de cada escritor contos que abordavam a mesma temática para poder estudá-los em conjunto, pois era impossível analisar as obras por completo. Não seria adequado falar da literatura sem mostrá-la, seria o mesmo que descrever um objeto palpável sem apresentá-lo, pois “nenhuma resenha teórica pode substituir a obra em si” (CORTÁZAR, 1993, p. 148). O capítulo referente à leitura interpretativa do corpus poderá, de certo modo, ajudar a concretizar o objeto literário. Sei que essa é a minha primeira prática de violência contra a literatura, já que descrever uma obra é totalmente parcial, visto que somos condicionados a recortar a nossa visão. Para este trabalho, escolhemos três contos de cada escritor para traçar uma linha de pensamento. Os textos escolhidos são “Das Dores”, “Barba de Arame” e “Olhos de Fogo”, de Viana, e “O grande deflorador”, “A culpada” e “Ezequiel”, de Dalton Trevisan. O nosso trabalho está dividido em duas partes principais. A primeira se refere aos aparatos teóricos para entender o gênero conto e suas relações, como também sobre a violência e suas relações com a sociedade; e a segunda parte se refere ao capítulo de análise desses contos dialogando com os aspectos teóricos a respeito da violência (2014, p. 39).

Leitor 26

Fizemos uma escolha — e, ao final do trabalho, esperamos tê-la deixado clara — de encarar o passado da ditadura civil-militar através dessa representação literária. Porque, parece-nos, que diante da barbárie não é possível deixar de fora o relato dos sentimentos. Apenas assim, como defende Sicher (2000) é possível gerar empatia naqueles que não foram testemunhas

oculares da violência e, quem sabe assim, haja alguma esperança de que esta não volte a se repetir (2014, p. 101).

Leitor 27

Selecionamos como *corpus* para análise sua produção da década de 1970 e 1980 por se constituírem as décadas de maior produção do poeta. Investigaremos as obras *Caprichos e relaxos* (1983) e *La vie em close* (1994), ambas primordiais na representação do corte epistemológico. Neste ponto de chegada, selecionaremos *haikais* em que há uma homenagem aos seus ídolos do Oriente, e que trazem uma grande representação textual no mundo nipônico além de trazer o tema do nada. [...] nossa tese é que *a palavra poética de Leminski funda-se do nada* (2014, p. 13). O que buscamos nesta pesquisa foi abrir alguns destes encontros e de seguir a trilha de Leminski que aprendeu com o Oriente novos caminhos para a poesia. Um Leminski que aprendeu com Mishima a ser um experimentador da linguagem (2014, p. 93).

Leitor 28

O propósito deste trabalho é proceder a uma leitura da trajetória da heroína no romance *A sombra do patriarca*, de Alina Paim, interpretando as imagens e símbolos que se materializam na produção artística dessa escritora, notadamente o mito da heroína, entendido também como o mito da donzela guerreira, que consideramos fundamental para a nossa investigação (p. 12). A escolha pela produção de Alina Pam obedece a duas questões fundamentais: a primeira delas refere-se ao fato de essa romancista ser uma autora sergipana, portanto, faz parte da produção que constitui preferencialmente o nosso objeto de interesse. Tal preocupação se deve ao fato de considerarmos, que grande parte da produção de textos de sergipanos é esquecida por seus conterrâneos e pela crítica nacional. O segundo e o mais pertinente motivo da escolha pela obra de Paim, que engloba o estudo do mito já citado, deve-se às qualidades temáticas e estilísticas de seus textos à espera de merecido reconhecimento e da construção de uma fortuna crítica sobre sua obra, que vem sendo elaborada pela professora Ana Leal Cardoso, que desde 2006 tem dedicado ao resgate das obras daquela escritora (2014, p. 14).

Leitor 29

Para Elomar Figueiredo Mello, a quem academicamente devo dizer ser parte do meu objeto de estudo, mas deixando de lado a objetividade a que, enquanto pesquisadora, terá que me portar adiante, fez-me adentrar neste mundo sertanejo com mais vigor e sentimento que

jamais eu poderia supor quando trabalhei uma de suas canções, ainda na graduação. E, também, por ter me recebido em um domingo cheio de prosa filosófica, religiosa e literária com um “me arreceba” um enaltecer do amor para com o próximo e um café à janela da *Casa dos Carneiros* (p. 07). A preferência pelo escritor para desenvolver nosso trabalho também está relacionada a seu domínio da linguagem, como consequência da sua vertente conceptista, baseada na agudeza do engenho e no aproveitamento da capacidade expressiva do idioma, ambos os aspectos importantes na hora de trabalhar com a comichão (2014, p. 10).

Leitor 30

O pícaro literário, representação de um tipo social muito difundido na época que procurava a ascensão de classe a qualquer custo, por quaisquer meios, fossem lícitos ou não, converteu-se literalmente em bode expiatório dos vícios da sociedade e exemplo dos modos de agir expandidos e punidos pela casta dominante. No presente trabalho, objetivamos analisar a literatura picaresca enquanto forma de ligação estética dessas circunstâncias sociais (2014, p.10).

Leitor 31

Nesse sentido, o presente trabalho focaliza o texto literário enquanto produtor de significados. Seu *corpus* de análise é o livro *O coronel e o lobisomem*, segundo romance do escritor fluminense José Cândido de Carvalho. A obra insere-se na linha dos romances neorregionalistas, que surgem a partir de 1945 e que, embora mantenham os mesmos temas, cenários e a denúncia de circunstâncias socioeconômicas que oprimem o homem já apresentadas pela geração de 30, trazem inovações no que diz respeito ao trabalho com a linguagem e com as técnicas narrativas, além de apresentarem preocupações de caráter mítico e metafísico. (2013, p. 11). Tal análise busca desvendar os mecanismos usados por José Cândido de Carvalho que, contando uma história cheia de humor e ironia, reconstrói uma condição sócio-histórica, no caso, a transição da República Velha para a República Nova – através do coronel Ponciano Azeredo Furtado. Plasmada para a literatura, essa relação revela nuances psicológicas, humanas e sociais, que dificilmente, seriam percebidas por um olhar desatento ou comum (2013, p. 14).

Leitor 32

A leitura das obras *A sombra do patriarca* (1949) e *A correnteza* (1979) da romancista Alina Paim, quando das aulas ministradas pela professora Ana Leal Cardoso, em 2008, nos despertou, primeiramente para a escrita de denso teor sócio-políticos, seguida de imagens do feminino que remontam a um passado de lutas, busca de verdades. Naquela ocasião exploraram-se os mitos tradicionais e seus correspondentes na contemporaneidade (2013, p. 08).

Leitor 33

Antes de adentrarmos na fortuna crítica, cabe uma breve apresentação do nosso contato com a obra de Cornélio Penna. Embora já fosse do nosso conhecimento o conteúdo sumário do romance, mediante conversas, palestras e comunicações da Professora Josalba Fabiana dos Santos, a leitura efetiva ocorreu em 2009. A oportunidade surgiu com a participação em um projeto de pesquisa de iniciação científica, também foi desenvolvido com o apoio do CNPq. O objetivo foi estudar a questão do mal e *A menina morta* e na *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. De modo que, durante esse tempo de estudos, amadurecemos as impressões sobre o romance de Cornélio e o gosto pela sua escrita. Investigando a crítica em torno da obra, debatendo no grupo de pesquisa, produzindo artigos e participando de eventos, fomos nos aprofundando e percebendo as diversas possibilidades de análises. Após esses anos de preparo, dentre outras incursões, o passo adiante é o mestrado. Dentro das diversas possibilidades de análise e leituras já empreendidas, percebemos que já havia margem para trabalharmos uma ligação entre os possíveis traços barrocos do autor, juntamente com a questão dos labirintos e o medo premente das personagens. E assim, o resultado será desenvolvido e apresentado neste trabalho (2013, p. 18).

Leitor 34

Quando escolhi o sertão por objeto de pesquisa tinha cristalizada em mim a ideia de um sertão romântico, estático em seus estereótipos. O sertão que minha memória registrava em paisagens congeladas era semelhante a instantâneos que os apaixonados recolhem das gavetas no momento da saudade. Nas aulas da disciplina Memória, História e Literatura e nas reflexões com o professor Antônio Sá percebi que o sertão que eu tentava resgatar já não existia, que assim como sua filha que envelheceu e se transformou, ele também se metamorfoseara em outro. É este sertão que busco retratar aqui (2013, p. 11).

Leitor 35

Através do processo de interpretação da obra platônica, baseando-nos nos autores acima citados, pretendemos chegar no ponto central dessa dissertação que consiste em definir o método dialético não como caminho de objetivação de uma verdade estabelecida, mas de questionamento de valores pré-estabelecidos através do procedimento dialógico (2013, p. 19).

Leitor 36

Tendo em mente a ideia de que se a atitude simbolizadora é constitutiva do ser humano, e, portanto, está presente na arte, este trabalho buscou desenvolver uma análise mítico-simbólica na literatura infantil de Alina Paim. As obras elencadas para esse estudo foram *O laço encantado* (1962), *A casa da coruja verde* (1962), e *Luzbela vestida de cigana* (1963) por seguirem uma lógica narrativa similar, na qual os personagens, o espaço e o eixo temático não se alteram, apenas se complementam. A escolha por se trabalhar tais obras é fruto dos trabalhos de iniciação científica (Pibic/UFS), vinculada à pesquisa de resgate que vem sendo desenvolvida pela Dra. Ana Maria Leal Cardoso, desde 2006, sobre a vida e obra dessa autora (2012, p. 09). Analisar as obras aqui elencadas se intensificou quando percebemos que quase nada foi estudado sobre elas, ou seja, contam com pouca referência bibliográfica, de modo que esse estudo contribui, significativamente, para a construção da fortuna crítica de Alina Paim (2012, p. 10).

Leitor 37

Nosso interesse principal neste trabalho é analisar como a história de Caldeirão foi transformada em ficção, ampliando os significados daquele evento e possibilitando ao leitor apreendê-lo sob outra ótica. Pretendemos também pensar em como a memória foi uma ferramenta primordial nas mãos do autor. Ponto influente na escolha do livro foi o fato deste fazer parte das obras que releem o sertão e lhe dão uma nova face. O autor ter um trabalho relevante no meio literário e, apesar disso, não ter a mesma visibilidade das obras de autores consagrados no mercado editorial, também foi motivo de peso na decisão por Cláudio Aguiar. Levamos em conta o movimento de colocar na vitrine autores menos conhecidos dando aos leitores mais oportunidades e atualizando-os em relação aos escritores contemporâneos (2012, p. 6).

Leitor 38

Nesse sentido, vale ressaltar que este trabalho propõe uma investigação das articulações entre os aspectos culturais, exteriores ao texto, e literários, inerentes à forma da obra, por meio do que Antonio Candido sugere como metodologia no livro *O discurso e a cidade*. Para o crítico, “o alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior” (CANDIDO, 1993, p. 10). O caráter interdisciplinar deste trabalho se fundamenta na necessidade de abranger ao máximo o campo de análise ao adotar uma perspectiva mais geral do problema de pesquisa. O foco mostra as diversas nuances possíveis de análise da questão da teoria do monstro, revelando o conflito e/ou as convergências de ideias, comum ao conhecimento científico contemporâneo. Acrescenta-se ainda a esta abordagem a leitura da fortuna crítica da obra da autora, incluindo estudos biográficos produzidos por leitores e americanos (2012, p. 06).

Leitor 39

Vale ressaltar que, ainda que aparentemente inovador, essa nova tradição interpretativa surgiu da necessidade de abordar outros aspectos que não foram tratados detidamente pela crítica tradicional, o que não implica dizer que as questões relativas ao mal, às monstruosidades e aos crimes não tenham sido abordados pontualmente em trabalhos anteriores. Assim, não se pretende destacar aqui, o caráter supostamente inovador no sentido de excepcionalidade do tema, uma vez que o diferencial dessa perspectiva se impõe pela mudança no foco prioritário da análise. Explicando de outro modo: não é a originalidade das questões, mas o ponto de vista teórico adotado que elege essas mesmas questões, antes tocadas apenas ocasionalmente, como prioritárias (2012, p. 28).

Leitor 40

Dada a amplitude que a noção de cotidiano assume na obra da nossa autora, decidimos tomar como obra central para esta análise, mas não única, *Casos para um vitral*, publicada em 1980, sem, no entanto, desconsiderarmos alguns poemas que serão decisivos e que citamos ao longo do texto (2012, p. 10).

Leitor 41

A importância do trabalho de Alina Paim na esfera do processo de redemocratização no país se dá, para nós, porque acreditamos que o discurso literário é também ação política. Não no sentido de defendermos uma literatura panfletária, mas de concordarmos que “a literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo” (FACINA, 2004, p. 25). (2012, p. 14). O escritor é também leitor – leitor de outras obras e do tempo e dos acontecimentos de sua época- e ser leitor implica pertencer à sociedade de escritores vivos e mortos, independente do espaço e do tempo, que coadunam ideias e coexistem na recordação de quem lê amontoando, assim, experiências, formando um repertório, por assim dizer (2012, p. 15). Com isso, não queremos dizer que *A sétima vez* seja um roubo ou um pastiche, mas afirmamos que para além de ser apenas uma obra de ficção, *A sétima vez*, é uma leitura pertinente de um acontecimento histórico traumático que não desejamos ver repetido e é uma obra concebida em um tempo de importância política e cultural, onde comprometer-se com a memória era agir favoravelmente para a construção de um mundo mais justo e com a mínima possibilidade de reincidir no erro que é viver sob um sistema de repressão (2012, p. 15).

Leitor 42

Dentre os romances de Paim, escolhemos *Estrada da liberdade* porque vem apresentar características que se coadunam com a proposta do *Bildungsroman* alemão, isto é, romance de formação, capaz de nos permitir uma leitura acerca dos dramas vivenciados pelas mulheres no que tange às relações socioculturais. Ao enveredarmos na pesquisa sobre o imaginário da educação, especificamente nesta obra, nosso objetivo é compreender e explicar o processo de formação que se opera na protagonista, Marina, tendo como base a educação e alguns elementos que estão diretamente ligados a ela, tais como: internatos, conventos, leituras, professores, família, entre outros, propiciando uma reflexão sobre educação feminina da primeira metade do século passado. Além disso entendemos que nossa escolha colabora com estudos recentes desenvolvidos no âmbito da Universidade Federal de Sergipe pelo Grupo de Estudos de Literatura e Cultura, o GELIC, coordenado pela doutora Ana Cardoso. Para além da crítica biográfica, as pesquisas pretendem mostrar a importância das escritoras na construção da história da cultura local e nacional. Na história da literatura, Paim tem sua marca registrada entre as décadas entremeadas e perpassadas por fatos do Movimento Feminista e do Movimento

Comunista, colocando-se como representante do realismo socialista vigente nos textos de autores renomados e ligados ao Partido Comunista (2011, p. 10-11).

Leitor 43

A pesquisa pretende acender a chama da memória dos oprimidos, referente a todos os injustiçados do passado, quer sejam crianças, homens ou mulheres, que tiveram o espírito torturado ou foram mortos pelas instituições religiosas da Europa e da América, por força de seus discursos e alegorias terrivelmente diabólicas, marcados pela colonização exploratória não só do espaço, mas também do espírito. A contribuição desta pesquisa, tomando *Grande sertão: Veredas* como objeto referencial de estudo, reside justamente em analisar, interpretar, explicar e compreender a visão de mundo do sertão em face dos vestígios ritualizados por imagens sobrenaturais sobre o Demônio, que sempre foram uma obsessão não só da imaginação popular, mas também do interesse de estudiosos e artistas. Enfim, sua relevância consistirá, em termos acadêmicos, na sua disponibilização para os estudantes das várias áreas das ciências humanas, interessados nos fenômenos que envolvem a sociedade rural sertaneja (2011, p. 09).

Leitor 44

Vale ressaltar que o indispensável passeio pela Filosofia, Literatura e Religião não deve ser tomado como sinônimo de generalidade ou superficialidade, mas de esforço por entender, nos limites investigativos de uma dissertação, as bases do pensamento de um homem, que, além de poeta, estudou profundamente Filosofia e Teologia (2011, p. 13).

Leitor 45

Escolhemos como objeto de estudo as obras de Antônio Carlos Viana porque suas narrativas realizam um bom diálogo com o espaço social ao darem visibilidade a seres marginalizados, e excluídos pela sociedade patriarcal e capitalista. Através da sua contística, conceitos tradicionais podem ser revisados e a voz do outro e a de si mesmo podem ser ouvidas. Suas histórias, normalmente, nos colocam em contato com temas inquietantes e desafiadores. Nesta pesquisa, daremos visibilidade a corpos estranhos observados nas obras de Viana. É importante destacarmos que a palavra estranho aparece nesse estudo em vários contextos e com distintas finalidades, podendo ser vislumbrada como sinônimo de diferença, de transgressão, de anormalidade ou mesmo de monstruosidade (2011, p. 10).

Leitor 46

O objetivo dessa dissertação, enquanto abordagem interdisciplinar de literatura, história e teoria cultural, incide, de certa forma, no engajamento pessoal das experiências vividas no sertão - região semi árido – baiano às margens do Rio São Francisco – que se fixam na memória: o privilégio de ter nascido na rua da feira, em Paulo Afonso –Ba, trouxe-me o um universo colorido, cheiroso e sonoro. A pesquisa pretende “aumentar os decibéis de importância” em relação a presença, meio esquecida, da voz na poética de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, poeta sertanejo bastante influenciado pela estrutura do Romanceiro Popular nordestino, no qual encontramos a presença poética oral. O interesse inicial pela pesquisa com poesia popular surgiu da ausência de disciplinas referentes ao tema nas universidades, principalmente, no Nordeste (2011, p. 10).

Leitor 47

[...] O objetivo desta pesquisa é compreender como o cangaço aparece expresso no estilo literário elaborado por Francisco J. C. Dantas no sertão d’*Os desvalidos* a partir da concepção humanista fomentada pelos estudos culturais. E, a partir do estudo destas representações, entender as diferentes identidades culturais protagonizadas por alguns personagens desse romance e como estes agiram diante dos códigos e assimetrias sociais existentes no cronotopo em que se desenrola o enredo da obra em tela (2010, p. 15).

Leitor 48

Neste trabalho, que faz parte da linha dois do Mestrado em Letras da UFS: Língua, Cultura, Identidade e Ensino, priorizaremos as questões identitárias referentes à personagem feminina. Dentro desse debate, analisaremos as representações femininas a partir das personagens de Nélida Piñon e de Francisco Dantas nas obras *A doce canção de Caetana* (1987) e *Cartilha do silêncio* (1997), respectivamente. A pesquisa se propõe a investigar como a personagem feminina subalterna é construída na literatura desses autores. Além disso, investigaremos como as questões socioculturais perpassam as categorias da identidade, do discurso e do espaço nos romances selecionados. Destacamos que o propósito de estudar autores com perfis díspares é um modo de desconstruir mitos a respeito da representação da mulher feita por autores masculinos ou femininos (2010, p. 12).

Leitor 49

Nesse sentido, essa dissertação apresenta e discute processos de leitura através dos quais se observam relevantes indicativos sociais, enfatizando para tal a leitura literária que, mediante uma construção de linguagem que lhe permite transpor os limites de tempo e espaço, projeta-se para novas gerações, angariando assim novas leituras e diferentes atribuições de significado. Neste trabalho, a associação entre arte, sociedade e leitura se desenvolve mediante análise de um romance do realismo português- *O primo Basílio*, publicado em 1878 – pois tal obra se constitui embasada em processos de leitura de mundo realizada pelo autor Eça de Queirós e que mais tarde é materializada esteticamente sob a forma de romance, como também através da composição de personagens masculinas e femininas que se permitem ser lidas através da maneira como leem dentro da trama. (2010, p. 01) Um ponto importante destacado nesta dissertação diz respeito ao poder da leitura, especialmente a literária. Tanto ela pode realçar discursos já cristalizados, como também pô-los em discussão, estimulando a reflexão e o olhar crítico. A literatura dialoga com questões sócio-culturais, pois tem a capacidade de simular universos humanos e interferir nos modos de ser e pensar do indivíduo (2010, p. 104).

Leitor 50

Obstante a uma evidente motivação pessoal, a escolha das obras *Coivara da memória*, *Cartilha do silêncio* e *Sob o peso das sombras* - e não de outras da autoria de Dantas- motivou este trabalho acadêmico porque a satisfação da linguagem e da narrativa fragmentada colocam em cena narradores e personagens tomados pelo processo de rememoração e envolvidos num círculo presente-passado, no qual as narrativas se desenvolvem sem que, com isso, a palavra vulgarize (2010, p. 15). Ao analisar a memória, ou melhor, a rememoração em três dos romances de Dantas, o objetivo deste trabalho é, portanto, compreender como, nos textos de Dantas a própria memória é construída e representada, a partir de ruínas ou fragmentos, como essa memória espelha e metaforiza a tradição (2010, p. 16).